SOCIALISMO

IDEAL DA CLASSE OPERÁRIA, ASPIRAÇÃO DE TODOS OS POVOS

João Amazonas

EDITORA ANITA GARIBALDI

João Amazonas

Socialismo
Ideal da Classe Operária, Aspiração de Todos os Povos

EDITORA ANITA GARIBALDI LTDA.
SÃO PAULO

CIP-Brasil. Catalogação-na-Publicação
Câmara Brasileira do Livro, SP

A527s
Amazonas, João, 1912-
Socialismo : ideal da classe operária, aspiração de todos os povos / João Amazonas. — São Paulo : Ed. Anita Garibaldi, 1983.

1. Comunismo 2. Socialismo 3. Socialismo na Albânia I. Título.

17. e 18. CDD-320.531
17. -320.532
18. -320.5322
83-0320 17. e 18. -320.531094965

Índices para catálogo sistemático:

1. Albânia : Socialismo : Ciência política 320.531094965 (17. e 18.)
2. Marxismo-leninismo : Ciência política 320.532 (17.) 320.5322 (18.)
3. Socialismo 320.531 (17. e 18.)

Impressão e Acabamento
MILESI EDITORA LTDA.
Rua 21 de Abril, 1.154 — Fone: 292-6480
C.G.C. 51.235.208/0001-20 — São Paulo

APRESENTAÇÃO DAS MATÉRIAS

Prefácio 5
Capitalismo e Socialismo 11
O Socialismo, uma Necessidade Histórica 31
O Socialismo na Albânia 45
A Classe Operária e o Seu Partido Político 57

PREFÁCIO

Dois traços marcantes distinguem o mundo neste último quartel do século XX. Um deles revela, com impressionante nitidez, a existência de profunda e multilateral crise que atinge o conjunto dos países dominados pelo capital e afeta, de modo avassalador, todos os campos da atividade humana. Sua persistência por longo lapso de tempo e a falta de soluções nos marcos do sistema econômico-social em que se manifesta — o capitalismo — têm acarretado as mais nefandas conseqüências: deterioração da vida econômica e da produção de bens materiais, bancarrota de nações, miséria crescente a angustiar milhões de seres humanos, degradação da vida espiritual, preparação desenfreada da guerra.

Sem embargo, jamais, em sua história contemporânea, viu-se a humanidade a braços com tão grave situação. Pretendem alguns, de raciocínio governado pela metafísica, encontrar-se ela no limiar de sua completa destruição ou do retorno à vida primitiva.

Entretanto, o outro traço característico da presente época aponta precisamente tendência diversa. Em todos os países capitalistas e revisionistas, lavra no seio das massas trabalhadoras sério descontentamento e incontível anseio por mudanças. A classe operária, sobre cujos ombros recaem as mazelas atuais, ergue-se em poderosas greves e manifestações, contestando o iníquo sistema que a oprime e explora. Os povos dos países dependentes sustentam, de armas em punho, cruentas lutas de libertação contra o imperialismo mundial.

Malgrado as imensas dificuldades que defrontam, os povos marcham inexoravelmente rumo à conquista de uma sociedade nova, superior, em tudo diferente do capitalismo que fenece — a sociedade socialista — que há de liquidar para sempre a exploração do homem pelo homem, a opressão nacional, a discriminação racial, e assegurar uma vida de bem-estar, progresso e justiça.

Estas evidências colocam o socialismo no centro do

debate político, teórico e ideológico que se desenvolve na atualidade. Personalidades, grupos e partidos representativos de variadas camadas e classes sociais, arvoram o estandarte do socialismo e apresentam uma miríade de opiniões a respeito do que vem a ser tal sistema, muitas vezes confundindo e tergiversando. Governos capitalistas, como os da França, Grécia, Espanha, ou regimes social-fascistas, de capitalismo restaurado, como os vigentes na Rússia, Polônia, Checoslováquia etc., procuram passar por socialistas, como forma de encobrir suas chagas. Os meios de comunicação, controlados por poderosos grupos monopolistas do grande capital, ainda hoje dão publicidade às teses social-reformistas dos partidos filiados à II Internacional e daqueles vinculados à corrente denominada eurocomunista.

Também em nosso país, onde se intensifica a luta teórica e ideológica à medida que a classe operária vai assumindo seu papel proeminente no embate político, são engendrados, com indisfarçável apoio oficial, grupos e teses que, dizendo-se socialistas, intentam embeber o proletariado com fortes doses narcotizantes do reformismo burguês e pequeno-burguês, não raro dissimulado por uma retórica pretensamente radical.

As opiniões expendidas nesta publicação pelo veterano dirigente comunista João Amazonas cumprem o importante papel de esclarecer o que é o socialismo, como se conquista e constrói esse sistema social, suas diferenças antagônicas com o capitalismo e o revisionismo. Ainda que não se voltem para um objetivo meramente conjuntural, seus argumentos concorrem para que se façam fundadas inferências acerca do tipo de socialismo preconizado no Brasil por partidos como o PDT de Leonel Brizola e o PT de Lula, simples reedição do "socialismo democrático", "pluralista", a ser alcançado pela via da conciliação de classes. Uma espécie de socialismo que apenas "discipline o capital estrangeiro", sem, contudo, restaurar por inteiro a independência nacional; que devolva alguns direitos econômicos à classe operária, não cogitando, porém, de colocá-la efetivamente no poder; um "socialismo" que, promovendo "reformas estruturais" no quadro da dominação burguesa, efetive, sob a égide de um suposto "estado acima das classes", a imprecisa e impossível "democracia para todos".

Outro é o ponto de vista de João Amazonas. Atendo-se firmemente aos princípios do marxismo-leninismo, com espírito criador e científico, demonstra a ação objetiva das leis econômicas e sociais, a necessidade e mesmo a inevitabilidade da revolução proletária, o insubstituível papel do partido comunista até a construção de uma sociedade sem classes. Reafirma, desse modo, a vitalidade da ideologia do proletariado em contraste com as ideologias burguesas e revisionistas, a iminência histórica do socialismo e sua superioridade sobre o capitalismo.

Assim, através da leitura dos textos aqui reunidos, terão os operários, as vastas massas populares e os intelectuais progressistas valiosas indicações para triunfar na pugna pela emancipação social. Oferecendo ao público leitor esta nova coletânea de textos de João Amazonas, acreditamos estar prestando mais um subsídio à formação da consciência socialista em nosso país.

Os Editores.

CAPITALISMO E SOCIALISMO

Palestra pronunciada em São Paulo e no Rio de Janeiro, em comemoração ao aniversário da Grande Revolução Socialista de Outubro (7 de Novembro de 1980).

Companheiros e amigos.

Hoje, há sessenta e três anos passados, na velha Rússia, ocorria a maior revolução de toda a história da Humanidade, a revolução socialista, a revolução dos explorados e oprimidos pelo capital, a revolução vitoriosa da classe operária, dirigida pelo Partido Bolchevique, tendo à frente o seu grande líder Vladimir Ilitch Lênin.

Ante o impacto da insurreição proletária, ruía o aparentemente todo poderoso império dos czares, construído com o sangue e o suor dos servos e operários e com a pilhagem de nações subjugadas. O povo de toda a Rússia, com esta revolução, libertava-se não apenas da odiosa monarquia, baluarte da reação mundial, mas também do regime da exploração capitalista, da exploração do homem pelo homem. Em seu lugar nascia um novo governo, o governo dos trabalhadores, e um novo regime, o regime socialista. Realizava-se, assim, um do mais belos sonhos de liberdade e justiça social dos que tudo produzem e nada possuem. Abriu-se uma nova era para os povos de todo o mundo.

Capitalismo e socialismo são expressões de sistemas sociais antípodas. Ainda que o socialismo surja das entranhas do capitalismo, é o seu oposto.

Um está em declínio, o outro, em ascensão. Um vive a sua última fase, o outro inicia sua marcha na história.

É sobre este tema, de interesse geral, centro do debate político e mesmo científico em todos os Continentes, que falaremos nesta oportunidade.

I

A história da sociedade humana é, fundamentalmente, a história da luta de classes, a história da substituição de regimes sociais que envelheceram por outros regimes de natureza mais avançada.

E a história contemporânea é a história da luta entre o capitalismo e o socialismo. Entre o novo regime que desponta — alicerçado na classe operária — e o velho regime, estruturado pela burguesia, que agoniza lentamente como um organismo gangrenado.

Esta luta ocupa toda uma época de convulsões sociais. Começa no século passado e atravessa, de ponta a ponta, o século em que vivemos. Nela, há sucessos e insucessos, avanços e recuos temporários, derrotas e vitórias das forças emergentes. Terminará fatalmente pelo triunfo total da classe operária, chamada a dirigir e construir a nova sociedade.

Como em todos os períodos de transição, quando se coloca na ordem do dia a mudança de formações econômico-sociais, os representantes da antiga ordem esbravejam, ultrapassam em selvageria todos os limites conhecidos, na batalha do desespero, tentando inutilmente travar as rodas da História.

Insultam, mentem, perseguem, torturam, matam os adversários políticos na ânsia de impor o silêncio e a paz dos cemitérios. E quando pensam que caiu o último contestador, ressurgem multiplicados, centuplicados, os defensores da nova vida.

É que a transição se torna inevitável, como inevitável, depois da noite, é o esplendor do dia. O socialismo não constitui invenção de alguns sonhadores, nem imposição de grupos de fanáticos que ambicionam o poder.

O socialismo é uma necessidade histórica.

* * *

O capitalismo teve sua época. Nasceu aí pela metade do século XVII. Fortaleceu-se com a revolução na França e nos Estados Unidos, já no século XVIII. Foi uma força progressista e revolucionária na evolução da sociedade quando destruiu o arcaico sistema feudal e deu início a novas formas de produção e de organização social.

Operou — como dissera Marx — maravilhas que ultrapassavam de longe as pirâmides do Egito, os aquedutos romanos, as catedrais góticas. Unificou nações, construiu cidades — grandes metrópoles — impulsionou as forças produtivas, fez progredir a ciência, a cultura, as artes.

É certo que semelhante progresso não ocorreu simultaneamente em todo o mundo. O capitalismo desenvolveu-se de maneira desigual. Onde houve a revolução burguesa e se romperam os entraves feudais, o país avançou. Em muitos outros, melhor dito, na maior parte, a revolução radical não se fez, o capitalismo penetrou conservando a velha estrutura atrasada que os tornou presas fáceis do atraso e da dependência.

Mas se o capitalismo em sua primeira fase foi progressista — considerando-se o avanço em relação à fase anterior — esse progresso se deu com a exploração crescente da classe operária, adensando num polo a riqueza e, no outro, a pobreza. A riqueza de uns poucos, e a pobreza da imensa maioria, dos que trabalham e produzem os bens necessários à existência.

Este é o processo do desenvolvimento do capitalismo. Não existe outro. O capital não se reproduz e nem aumenta por geração espontânea. Nem simplesmente porque alguém dispõe de recursos financeiros. Pode-se pôr num cofre (bem fechado por causa dos ladrões) milhões de cruzeiros ou de dólares, a moeda dos grandes negócios. . . Algum tempo depois, ao abrir o cofre, lá estarão os mesmos milhões de cruzeiros ou de dólares, sem nenhuma alteração quantitativa.

O que faz crescer o capital é a **mais-valia**, ou seja, a parte do trabalho não pago aos operários no processo da produção. O capital cresce com a espoliação dos trabalhadores das cidades e do campo. Quanto maior for o número de trabalhadores de uma empresa dentro de determinado nível tecnológico, mais rapidamente cresce o capital dessa empresa porque mais volumosa é a massa de mais-valia acumulada.

As gerações atuais não chegaram a conhecer o capitalismo florescente. O capitalismo que todos conhecemos é, em muitos aspectos, distinto do capitalismo do passado. Diferente não no que se refere à exploração. A exploração — base do seu crescimento — é a mesma, mais feroz do que nunca.

* * *

A partir dos fins do século passado, o capitalismo transformou-se em imperialismo. Contudo, o imperialis-

mo não é uma nova formação econômico-social, mas o capitalismo em sua última etapa, etapa que é, também, como assinalou Lênin, a ante-sala do socialismo.

A transformação se dá, fundamentalmente, com a concentração do capital, da produção, dos meios de transporte, da propriedade do solo e do subsolo etc. Esta concentração gera o monopólio, que conduz à formação do capital financeiro com a fusão do capital industrial e do capital bancário.

O imperialismo é, assim, a fase monopolista do capitalismo.

Como se apresenta o capitalismo da nova fase imperialista?

Eis aqui, em traços ligeiros, a sua fisionomia.

1 Com a concentração do capital, surgiram os cartéis e os trustes em determinados ramos da produção; depois, esses trustes foram se desenvolvendo e concentrando mais ainda. Quanto mais se concentravam, mais destruíam os concorrentes em inferioridade de condições. Acabaram convertendo-se em empresas gigantes, nas multinacionais que todos conhecemos. Poucas centenas desses grandes monopólios dominam atualmente a economia mundial: General Motors, Standard Oil, United States Steel, Ford, Volkswagen, Mitsubishi etc. Cada um deles explora imensa massa de trabalhadores. A G.M., por exemplo, conta com 800 mil operários.

Toda a riqueza produzida através do trabalho social vai, desse modo, parar nos cofres de um punhado de multimilionários, dos donos do dinheiro, do trabalho e da vida de bilhões de pessoas.

Assim é o capitalismo dos nossos dias!

2 O imperialismo dividiu o mundo entre as grandes potências. Destas, duas se tornaram superpotências: os Estados Unidos e a União Soviética, depois da traição revisionista. Todas disputam áreas de influência e domínio. E não pode ser de outra maneira. O imperialismo não vive sem a exploração dos povos. Se o sistema colonial, na velha forma, hoje quase já não existe, ele cedeu lugar ao neocolonialismo. As velhas colônias e os países dependentes transformaram-se nas modernas colônias

dominadas pelo capital financeiro internacional.

Por mais que posem de independentes, por mais que seus governantes se ofendam quando se lhes diz a verdade, a maior parte das nações do mundo — na América Latina todas, sem exceção — não passam de países submetidos às grandes potências. São, todos eles, dependentes e cada vez mais dependentes. Seus governantes vivem de chapéu na mão mendigando empréstimos e fazendo concessões criminosas. Pedindo dólares que retornam consideravelmente acrescidos aos cofres dos banqueiros mundiais.

Os povos do mundo, ou da imensa maioria do mundo, trabalham como servos do capital imperialista. Seu suor e seu sangue convertem-se em dólares que vão parar nas mãos dos poderosos monopólios.

Assim é o capitalismo dos nossos dias!

3 O imperialismo, associado aos reacionários dos países atrasados, não somente explora mas também oprime os povos da maioria do Globo.

A opressão toma distintas formas: políticas ou militares, abertas ou disfarçadas. Quem quer que lute pela verdadeira independência e pelos interesses fundamentais de suas pátrias é vítima de furiosa perseguição. Quando os lacaios do imperialismo já não conseguem deter os patriotas — entram em ação as tropas, os recursos militares, os tanques e os mísseis destruidores.

Países são invadidos e ocupados sob diferentes pretextos. Diante de nós estão os exemplos da Checoslováquia, do Afeganistão, do Zaire, do Chade, de Angola e outros.

E quando não chegam a ser ocupados, as forças navais e terrestres do imperialismo e do social-imperialismo rondam as suas fronteiras ou águas territoriais. A frota norte-americana e a soviética estão em todos os mares com seus canhões voltados para os países visados.

Quando não rondam, os ameaçam diretamente. Os Estados Unidos proclamam sua intenção de intervir militarmente na América Central, se a luta dos povos desta região vier a abalar seus interesses rapaces.

Ao mesmo tempo, fomentam golpes de Estado e ditaduras militares para garantir e ampliar sua espoliação

em diversas áreas.

Assim é o capitalismo dos nossos dias!

4 Com o imperialismo têm início as guerras mundiais onde são sacrificadas dezenas de milhões de vidas, destruídos imensos valores criados pelo trabalho do homem, em proveito do expansionismo, da ânsia de domínio mundial das grandes potências.

16 milhões de cadáveres na I Grande Guerra.

60 milhões, na II Grande Guerra.

Quantos milhões na terceira?

É evidente que as grandes potências, em particular os Estados Unidos e a União Soviética, preparam febrilmente a III Guerra Mundial, uma guerra que se prevê nuclear, capaz de arruinar cidades inteiras e de matar em massa os habitantes dos países em conflito.

O imperialismo é a guerra, não existe sem guerras de conquista, guerras cada vez mais bárbaras.

Assim é o capitalismo dos nossos dias!

5 Chegado à fase do imperialismo, o capitalismo descarta-se da tão decantada liberdade burguesa. A democracia desaparece por toda a parte. Expandem-se os regimes autoritários, entram em cena as ditaduras fascistas.

Mesmo nos países que se vangloriavam de ser modelos de democracia, a liberdade é hoje palavra vazia.

A França, por exemplo, que desfraldou com a revolução burguesa a bandeira de liberdade, igualdade e fraternidade, atualmente impõe fortes restrições aos direitos dos cidadãos, agride constantemente os movimentos operários e populares, persegue e expulsa os imigrantes, cerceia ao máximo o voto proporcional.

Pior do que a França é a Alemanha Ocidental. Aí o regime assemelha-se em muitos aspectos ao nazismo. Se já não persegue os judeus, caça os esquerdistas e os democratas conseqüentes, assassina prisioneiros políticos nos cárceres.

Em quase toda a Europa, desde a União Soviética até Portugal, a liberdade para o povo sofre ataque diário.

Nos Estados Unidos renasce a Ku-Klux-Klan terrorista. Funciona uma democracia de mentira. O povo não tem vez. De quatro em quatro anos há eleições. Mas eleições onde somente se pode escolher entre um Carter e um Reagan, ambos representantes dos monopólios.

E que dizer da África e da Ásia?

E da nossa América Latina?

Nestes continentes, a democracia não passa de blague. Dominam regimes arbitrários, a maioria deles dirigidos por militares truculentos.

O imperialismo — dizia Lênin — é a reação em toda a linha. Não pode admitir nem tolerar a liberdade.

Assim é o capitalismo dos nossos dias!

6 O imperialismo é a fase da decomposição extrema do capitalismo, a fase do seu apodrecimento continuado.

Esse apodrecimento reflete-se na economia, na política, na moral, na cultura, em tudo.

A moral converte-se na amoralidade.

A cultura cede lugar ao obscurantismo, que retorna em toda parte.

Ao invés de idéias e sentimentos nobres, a pornografia mais baixa invade as obras literárias e artísticas, o conjunto da vida social.

Em vez de vida intensa e criadora, de ampla comunicação entre as pessoas, um vazio imenso, uma solidão que atinge milhões de seres humanos.

A droga serve de estímulo e de fuga à realidade.

E até mesmo o amor, o amor eterno, envilece, se prostitui.

Não são poucas as mazelas.

A economia se militariza. Mais de 500 bilhões de dólares são gastos cada ano na corrida armamentista, enquanto faltam recursos para incrementar o progresso e livrar povos inteiros do tormento da fome e do desconforto.

Milhões de jovens são condenados a uma existência sem futuro. A juventude que termina seus estudos não encontra ocupação correspondente ao conhecimento que adquiriu.

As prisões vivem superlotadas. Milhões de encarcerados, vítimas em geral de injustiças sociais, são desu-

manamente tratados, às vezes pior que nos antigos degredos.

Milhões de crianças abandonadas, entregues desde cedo aos infortúnios da vida.

Cerca de 100 milhões de desempregados no mundo. . .

E a par de tudo isto, um vastíssimo aparelho policial-militar repressivo, uma rede imensa de informantes, de dedos-duros, de espiões e provocadores para aterrorizar o povo e esmagar o protesto legítimo dos que se levantam e lutam.

Assim é o capitalismo dos nossos dias!

Esta decomposição na base do sistema capitalista repercute na superestrutura, em todos os domínios, transforma a sociedade em algo disforme e monstruoso.

Érico Veríssimo, no seu livro *Incidente em Antares,* retrata uma vila fictícia em que o mau cheiro tomou conta de tudo. E com tal realismo que o leitor quase sente a fedentina tão dramaticamente descrita.

Esta ficção de Érico Veríssimo é bem um retrato da sociedade atual. Vivemos numa sociedade apodrecida e cada dia em maior decomposição.

Em meio a esse espetáculo de desolação e de fim de regime, começam a aparecer prognósticos sombrios anunciando a decadência da Humanidade, que estaria de volta às épocas primitivas. Prognósticos pessimistas e doentios que negam o homem do futuro.

Mas não é a Humanidade que decai. É o capitalismo que estertora. A Humanidade, com a classe operária à frente, viverá belos e luminosos dias na construção de um porvir incomparável por sua grandiosidade, um porvir de homens libertos, de cidadãos livres.

Acaso esse regime — o capitalismo dos nossos dias — perdurará indefinidamente?

Não. O capitalismo chegou ao fim e precisa ser enterrado, o quanto antes, para que a sua pestilência não continue a envenenar a vida.

Somente as pessoas desinformadas pela propaganda reacionária, ou aqueles que estão presos a mesquinhos interesses de classe, entregues ao ódio de morte ao progresso social, não vêem que o capitalismo é um cadáver em putrefação que precisa ser sepultado.

II

Marx e Engels, dois grandes sábios alemães, dois grandes nomes da ciência universal, demonstraram, desde 1847, que o capitalismo seria substituído pelo socialismo. E que o socialismo não seria senão uma fase intermediária na marcha para a sociedade sem classes e sem Estado, uma sociedade comunitária da verdadeira civilização humana.

Depois de Marx e Engels, Lênin — o gênio da revolução — baseado no marxismo, fundamentou a tese de que, com o imperialismo, havia chegado a época das revoluções proletárias.

Eram teses científicas que, no entanto, deveriam ser comprovadas pela vida nos laboratórios da prática social.

Não custou muito para que aparecessem os primeiros fortes indícios de confirmação das hipóteses levantadas por Marx e Engels.

Em 1871, na França, verifica-se a primeira grande sublevação proletária da História — **a Comuna de Paris.**

Os trabalhadores franceses, heroicamente, apoderaram-se do poder numa grande capital européia. *"Tomaram o céu de assalto",* como diria depois o próprio Marx.

A Comuna durou pouco tempo, esmagada pela contra-revolução germano-francesa. Mas ela confirmava a verdade enunciada por Marx e Engels de que a contradição entre o capital e o trabalho daria origem à luta e à vitória da classe operária sobre a burguesia.

Já no final da luta dos comunardos, Marx dizia que, mesmo que a Comuna fosse batida, a decisão final seria apenas prorrogada. *"Os princípios da Comuna* — asseverou — *são eternos e não podem ser aniquilados; não cessarão de se impor até que a classe operária alcance sua emancipação".* E num comício em Londres, para celebrar o aniversário da Comuna, Marx considerou esse glorioso movimento como *"a aurora da grande revolução social que libertará a Humanidade para sempre do regime de classes".*

Como previram Marx e Engels, outra grande sublevação proletária teve lugar na Rússia, em 1905. Durante dois anos, o proletariado tentou alcançar o poder e chegar ao socialismo. Não o conseguiu. Mas 1905, como disse Lênin, era o ensaio geral que preparava a vitória

dos trabalhadores numa sexta parte do Globo.

Afinal, em 1917 triunfou a Revolução Proletária na velha Rússia. A classe operária foi ao poder e iniciou a construção do socialismo.

Esse notável acontecimento, como as acirradas batalhas que o precederam, veio comprovar em definitivo que as idéias de Marx e Engels não eram fantasias e que as predições de Lênin correspondiam plenamente à realidade da Rússia e do mundo.

A prática social demonstrou que o marxismo-leninismo é uma ciência exata, que o capitalismo abeira-se do túmulo.

* * *

O socialismo estava e está na ordem do dia.

Que é o socialismo? Que diferenças existem entre ele e o capitalismo? Em poucas palavras pode-se dizer:

— No capitalismo (sob sua forma clássica ou sob a nova forma estatizante dos burocratas e revisionistas) quem manda são os capitalistas, a minoria exploradora;

no socialismo, quem manda são os operários, aliados aos camponeses e aos setores progressistas, ou seja, a maioria hoje explorada.

— No capitalismo — as fábricas, as usinas, o comércio, os meios de transporte, os bosques, a terra, o subsolo — tudo está nas mãos dos capitalistas, serve a eles;

no socialismo — tudo pertence à sociedade, aos que trabalham e produzem as riquezas, serve às grandes massas laboriosas.

— No capitalismo — o resultado do trabalho dos homens e das mulheres, o lucro, vai para o bolso dos magnatas, dos donos do capital;

no socialismo — os bens produzidos pelos homens e pelas mulheres revertem em benefício da sociedade, criam novos meios de progresso e ampliam o bem-estar das massas.

— No capitalismo — a finalidade da produção é o lucro, o lucro máximo;

no socialismo — o objetivo da produção é o produtor e suas necessidades materiais e espirituais.

— No capitalismo — a cultura é privilégio de uns poucos, de uma elite selecionada que se destina, em última instância, a prestar serviço aos poderosos;

no socialismo — a cultura é apanágio do povo, fonte de conhecimentos científicos, um elo na elevação espiritual do homem, sobretudo dos homens do trabalho.

— No capitalismo — o poder está nas mãos dos capitalistas, seja na república ou na monarquia, seja nas chamadas democracias ou nas ditaduras ferrenhas. O Estado serve à dominação dessa classe;

no socialismo — o poder passa às mãos do proletariado, que o exerce em aliança com os camponeses. O poder do Estado, na fase de transição, favorece a classe operária e os seus ideais de liberdade, progresso e justiça social.

— O capitalismo é a escravidão assalariada, o embrutecimento do homem, o esmagamento de sua personalidade;

o socialismo é a libertação dos trabalhadores de toda forma de exploração, a sua emancipação social, a sua afirmação como homem livre do jugo da opressão.

* * *

A idéia do socialismo está bastante difundida no mundo. São muitas as pessoas que, mesmo não pertencendo à classe operária, já a admitem.

Há, no entanto, os que dizem: "Sou a favor do socialismo, mas. . . do socialismo com rosto humano, do socialismo democrático, do socialismo autogestionário, do socialismo cristão etc.".

Esta adjetivação não passa, porém, de neologismo que esconde o capitalismo disfarçado.

Em que deu o socialismo **democrático** da Suécia, depois de dezenas de anos no poder? Neste país continua predominando a exploração capitalista.

Em que resultou o socialismo **autogestionário** da Iugoslávia? Ali há um milhão de desempregados, dezenas de empresas multinacionais exploram os trabalhores.

Em que redundou o socialismo **cristão** da Itália depois de três décadas da democracia cristã no poder? Aí existem 3 milhões de sem-trabalho e furiosa exploração da classe operária.

Não! Nesses países nunca existiu o socialismo, mas capitalismo com todas as suas chagas, com as crises,

com a terrível e cada vez mais profunda desigualdade social: os ricos enriquecendo com o trabalho alheio; os pobres empobrecendo. . .

Só existe um socialismo verdadeiro — o socialismo científico, ideal da classe operária e dos oprimidos de todo o mundo. Socialismo que se assenta na teoria mais avançada da nossa época, que se orienta pelo marxismo-leninismo, socialismo vanguardeado pelo partido do proletariado, o Partido Comunista.

Esse socialismo é o único e autêntico socialismo de face humana (porque acaba com o desemprego, as crises, a miséria, a falta de assistência, a ignorância), é o único e autêntico socialismo democrático (porque assegura a liberdade para os que nunca a usufruíram, para a maioria).

Há ainda os que afirmam: "O socialismo só existe na imaginação de idealistas obstinados".

Não, não é verdade. O socialismo brota — como prova a ciência social — das modificações radicais introduzidas nas relações de produção. Em certa medida, da mesma maneira como brotou a sociedade capitalista quando criou relações de produção diferentes das que existiam no feudalismo.

O socialismo existe não só na teoria. Existiu concretamente na União Soviética, de 1917 até a metade da década de 50. Existe na pequenina Albânia, dirigida pelo Partido do Trabalho.

Naturalmente, o socialismo não nasce pronto e acabado. É preciso construí-lo, passo a passo, tendo em conta a realidade circundante e o processo de desenvolvimento da luta de classes.

É indiscutível que os operários, aliados aos camponeses, tomaram o poder na Rússia, em 1917. E mostraram que podem viver sem patrões, que eles mesmos são capazes de dirigir a construção da nova vida.

Em pouco menos de quatro décadas, a velha Rússia, um dos mais atrasados países da Europa, tornou-se, sob a direção da classe operária, uma nação poderosa e progressista. O nível de vida das massas elevou-se, desapareceu o analfabetismo, criaram-se condições de conforto e bem-estar à maioria da população das cidades e do campo. A União Soviética, sob o governo do proletariado, converteu-se num baluarte da luta pela liberta-

ção mundial dos trabalhadores. E foi ela a força decisiva que enfrentou e derrotou a Alemanha de Hitler.

O socialismo foi traído na União Soivética. Retrocedeu, e aqui não cabe analisar as causas desse insucesso. Mas deixou marcas indeléveis na memória dos homens, nas realizações empreendidas. O retrocesso é temporário.

O socialismo voltará a brilhar na União Soivética. Os renegados acabarão varridos do poder por uma nova revolução proletária. Quem viver, verá.

O socialismo brilhará não só na União Soviética, mas em todo o mundo, como fruto do aguçamento das contradições básicas da sociedade atual.

O mundo está marchando, inexoravelmente, para o socialismo. As leis do desenvolvimento social — que ninguém pode alterar — atuam e destróem, dia-a-dia, os alicerces de um sistema fadado ao declínio, a desaparecer da face da terra, como desapareceram, no fundamental, em diferentes épocas, o regime da comunidade primitiva, a escravidão, o feudalismo.

Quando os capitalistas e os reacionários de toda a laia, em desespero de causa, atacam selvagemente as massas trabalhadoras, e em primeiro lugar, os comunistas; quando submetem o povo a um regime de fome e tirania; quando ensandecem no combate cego ao comunismo — na realidade, bem a contra-gosto, eles também ajudam a chegada do socialismo. Porque com as suas ações infames obrigam as massas a raciocinar e a despertar para a verdade do socialismo, para a luta decisiva. Ao apelar para recursos extremos de repressão, eles empurram as massas para as trincheiras da liberdade, do progresso, da justiça social.

Dia mais, dia menos, os operários adquirirão consciência socialista e cumprirão sua missão histórica — enterrar, por meio da revolução social, o capitalismo e edificar o socialismo.

III

E quanto ao nosso Brasil, ao nosso povo tão duramente explorado e oprimido?

Todas as mazelas do capitalismo, como sistema mundial, são encontradas, de forma ainda mais chocante, em nosso país.

Porque aqui o capitalismo se desenvolveu sobreposto a formas arcaicas de propriedade, a relações de produção atrasadas. Porque aqui o desenvolvimento do capitalismo vem-se efetuando, em grande parte, apoiado no capital estrangeiro — que já domina a economia nacional e suga, até a última gota, as energias dos trabalhadores, deixando pouco, migalhas apenas, ao nosso país.

A exploração do capital estrangeiro realiza-se essencialmente de dois modos: através dos investimentos diretos, fonte de lucros desmedidos, e por meio dos empréstimos externos que já ultrapassam a cifra de 60 bilhões de dólares. Tais empréstimos custam aos brasileiros, cada ano, em juros e pretensas amortizações, somas fabulosas. A grande maioria da nação trabalha para pagar dívida das dívidas, é sacrificada brutalmente pela política econômico-financeira do governo, cujo escopo principal é garantir altos lucros aos investidores de fora e atraí-los para se implantar no Brasil. O arrocho salarial, por exemplo, que visa assegurar mão-de-obra barata às multinacionais, é um dos aspectos daquela política.

Em conseqüência dessa exploração — também da exploração dos capitalistas brasileiros e dos latifundiários aburguesados — agravaram-se seriamente todos os problemas nacionais.

O país está afundando numa crise geral sem precedentes:

— crise na produção;
— crise financeira;
— crise no ensino;
— crise nos serviços de saúde;
— crise no abastecimento dos gêneros de primeira necessidade;
— crise na moradia popular;
— crise no sistema penitenciário;
— crise política.

Tudo está em crise. Crises conjunturais e crises estruturais crônicas. Crises que levam o país à insolvência; geram a inflação e o desemprego em constante aumento; ocasionam um brutal rebaixamento do nível de vida do povo; provocam a desnacionalização da economia e a liquidação em massa dos pequenos e médios produtores; desorganizam o ensino e preparam a sua falência em

todos os graus; amontoam em favelas imensos contingentes das populações citadinas, "fabricam" em série os chamados marginais; reduzem à miséria boa parte dos brasileiros.

Fecham-se hospitais, enquanto o povo carece de assistência; exporta-se soja em quantidade, mas não há feijão para o povo; cerram-se escolas, e milhões de crianças ou de adultos permanecem analfabetos ou sem adquirir os conhecimentos necessários. E assim por diante.

Crises e escândalos. O escândalo das mordomias, dos "negócios especiais", das "caixinhas" do **Detran**, dos passeios nababescos de membros do governo à Europa e aos Estados Unidos. Enfim, a corrupção desbragada.

A burguesia e os latifundiários aburguesados já demonstraram, inúmeras vezes, ser incapazes de resolver os problemas cruciais da nossa terra e da nossa gente.

Utilizaram a república; a república velha e a república nova; o presidencialismo e o parlamentarismo; o liberalismo e o autoritarismo; as ditaduras fascistas e as ditaduras pseudo-constitucionais; a administração civil e a administração militar.

E o país está cada vez mais engolfado em crises intermináveis. Cada vez mais endividado e dependente. Cada vez mais angustiado pela inflação, pelo desemprego, pela carestia de vida, pela miséria que cresce nas cidades e no interior.

Mudam-se presidentes, presidentes supostamente de direito ou presidentes **de fato**. Mudam-se ministros, mudam-se as siglas dos partidos oficiais.

Mas a política é sempre a mesma: política antinacional e antipopular, política de sustentação do latifúndio, de proteção da burguesia monopolista, de concessões inadmissíveis ao capital estrangeiro.

E, enquanto o povo sofre as conseqüências dessa orientação, um punhado de privilegiados gasta como nababo, a corrupção faz novos ricos.

Para prosseguir nesse caminho, os governantes tratam de manter a mordaça sobre a boca do povo — a mordaça da repressão, da censura e da aplicação de leis espúrias originárias do sistema arbitrário.

Que significa tudo isso? Significa que é chegado o tempo de os destinos do país passarem a outras mãos. Se a burguesia, os latifundiários e seus prepostos não

têm condições de resolver os problemas fundamentais do país, cabe ao proletariado e a outras forças progressistas ocupar o seu lugar.

Nosso país já possui uma classe operária numerosa, que se ergue e luta. Possui uma imensa massa de camponeses sem terra — os pobres do campo — abandonados à própria sorte, que também se levantam para reclamar seus direitos. Possui igualmente uma vasta camada de assalariados na classe média, em dificuldades crescentes. Possui ainda uma juventude progressista e combativa sempre nas linhas de frente da luta democrática, contra a opressão e o obscurantismo. Há milhões de patriotas, de brasileiros, que amam a sua terra e querem vê-la livre da espoliação estrangeira. Aqui se formou também uma vanguarda consciente do proletariado, orientada pela ciência social do marxismo-leninismo, rica de experiências, capaz de conduzir o país a um futuro radioso, o Partido Comunista do Brasil.

O futuro do Brasil é o socialismo. Todas as alternativas que hoje se apresentam — enquanto alternativas sérias — não passam de **saídas** transitórias para determinado momento da vida nacional ou então de remendões na velha estrutura do país.

Nós, os comunistas, indicamos na situação atual a luta comum de largos setores da nação para exigir o **fim** do regime militar, há 17 anos no poder contra a vontade do povo. Reclamamos a convocação de uma Constituinte livre e soberana, **precedida**, porém, da liquidação de todas as leis arbitrárias — como a Lei de Segurança, a Lei Antigreve, a Lei de Imprensa, o julgamento de civis pela Justiça Militar — liquidação somente possível de ser efetivada por um Governo Democrático de Unidade Popular.

Contudo, esta é apenas uma solução política transitória — uma solução que permita ao nosso povo escolher, com liberdade e consciência, um novo rumo para o país.

O rumo que defendemos para a nossa pátria, a solução para as questões essenciais, a alternativa de fundo que indicamos à nação é a Democracia Popular em direção ao socialismo, ao socialismo científico, ao socialismo proletário e revolucionário.

Porque outra solução seria apenas paliativa. Os problemas que o Brasil enfrenta, presentemente e para o futuro, somente podem ser resolvidos com a mudança profunda na sua estrutura econômico-social. Dentro do quadro da dominação imperialista-burguesa-latifundiária torna-se totalmente inviável qualquer encaminhamento sério destinado a tirar o país do beco sem saída em que se encontra.

Os comunistas defendem esse novo rumo, convencidos de que somente o socialismo científico — ideal supremo da classe operária — será capaz de equacionar e resolver os problemas magnos do nosso povo e da nossa terra.

Somente o socialismo pode acabar com as tremendas injustiças sociais, garantir a verdadeira independência da nação, fomentar o rápido desenvolvimento das forças produtivas e abrir uma perspectiva de progresso social, de liberdade, de florescimento da cultura nacional, de bem-estar e conforto para todos os que trabalham e produzem as riquezas.

Assim pensamos nós, os comunistas, que mantemos erguida a bandeira gloriosa do partido da classe operária, o Partido Comunista do Brasil, e que defendemos com fimeza a grande doutrina revolucionária do marxismo-leninismo.

Por isso proclamamos:

O socialismo é o futuro do mundo!

O socialismo é também o futuro radioso do Brasil!

* * *

Companheiros e amigos.

Um grande acontecimento estremeceu o regime da burguesia que parecia eterno e irremovível a 7 de novembro de 1917. O eco dos canhões do cruzador "Aurora" disparados contra o Palácio de Inverno em Petrogrado anunciou aos povos, aos explorados e oprimidos de todos os Continentes, de todas as raças, de todas as línguas, a grande nova. Chegara a época da libertação, da emancipação social, a época das revoluções proletárias.

Outros disparos sobre outros palácios ainda se farão ouvir. E os punhos vigorosos dos emancipados, por cima das fronteiras de todos os países, hão de se encontrar

na grande comemoração da vitória universal, no aperto de mão da fraternidade, da solidariedade, da liberdade e da justiça social afinal conquistadas.

Que desesperem os reacionários, que afundem no pântano do fascismo e da guerra os que não podem nem querem entender a marcha da História, que se debatam na angústia da incerteza e da decepção aqueles que pensam que os insucessos temporários dos últimos tempos negam a viabilidade do socialismo.

O socialismo é inevitável, continua na ordem do dia e acabará triunfando em todos os países.

Não há força capaz de impedi-lo!

O SOCIALISMO, UMA NECESSIDADE HISTÓRICA

Palestra realizada no dia 12/07/82 no curso da reunião anual da Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência, em Campinas.

Senhoras e Senhores,

Companheiros e Companheiras.

Alguns amigos propuseram-me falar hoje, neste recinto, sobre o socialismo. Recebi o convite com satisfação. Porque o socialismo é tema de grande oportunidade, despertando interesse em qualquer parte do mundo. E também porque a palestra é realizada no momento em que se reúne a prestigiosa e democrática Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência.

I

O socialismo é um regime político-social baseado na propriedade coletiva dos meios de produção. Nele desaparece a milenar exploração do homem pelo homem e se afirma a colaboração fraternal e a ajuda mútua entre os trabalhadores. Surge do seio do capitalismo, produto das contradições antagônicas da sociedade moderna.

O socialismo é fenômeno inevitável, incontornável.

Enganam-se os que acreditam na existência perene do sistema capitalista. Parado no tempo e no espaço. Não há regimes eternos. O desenvolvimento social conduz a Humanidade a novos estágios, cada vez mais avançados. É uma lei objetiva que independe da vontade dos homens. Todo regime pelo qual já passou a espécie humana teve o seu surgimento, florescimento e por último a sua decomposição. Os escravistas, como os senhores feudais, acreditavam que a organização das sociedades existentes em suas épocas era insuperável. E no entanto, a despeito do barbarismo empregado na defesa de seus privilégios, foi ultrapassada. Também o capitalismo encontrará o seu fim. Está agonizando há bastante tempo. Resiste. Mas a morte é certa.

O futuro imediato da Humanidade é o socialismo. Todo o processo sócio-econômico da vida atual leva objetivamente a essa nova forma de organização da sociedade. Pouco importa que, presentemente, o movimento socialista não manifeste de maneira vigorosa a sua potencialidade, tenha sofrido inclusive duros reveses. Em favor do socialismo trabalham, sem cessar, as contradições sociais em rápido agravamento no quadro da dialética do sistema de produção capitalista que não pode ir adiante sem criar e aumentar os fatores causais do seu declínio. É como se alguém caminhasse num pântano sempre mais profundo. Cada passo para a frente enterra um pouco o caminhante.

O desenvolvimento das forças produtivas, condição fundamental da existência de qualquer regime social, entra, em certo grau do seu crescimento, em choque aberto com as relações de produção. E esse choque conduzirá, mais dia, menos dia, à superação do fosso imenso que se abre entre o avanço daquelas forças e o atraso das relações de produção. Harmonizá-las é o salto que se precisa dar a fim de resolver os graves problemas sociais e políticos gerados pelo sistema hoje predominante. Esse salto somente se poderá realizar com a instauração do socialismo.

Marx e Engels afirmaram que "o socialismo não é invenção de sonhadores, mas a meta final e o resultado inevitável do desenvolvimento das forças produtivas da sociedade contemporânea".

II

No mundo inteiro aparece a necessidade do socialismo. Embora existam países desenvolvidos e países atrasados, em todos eles prevalece o mesmo sistema de produção capitalista. Há um único mercado mundial e uma extensa rede de dominação financeira do imperialismo. Nenhum país, desenvolvido ou não, pode fugir ao entrelaçamento de interesses que esse sistema impõe. Romper com ele é mudar de campo, passar a outro tipo de formação econômico-social.

É certo que nos mais atrasados subsistem tarefas de conteúdo democrático-burguês. Neles o processo de libertação, sendo único, comporta duas etapas. Muitas das tarefas com aquele conteúdo serão resolvidas já no quadro da segunda etapa.

As condições materiais para a passagem ao socialismo estão plenamente criadas. O capitalismo, na sua última fase, evoluiu no sentido do monopólio, de uma concentração e centralização gigantesca em todos os domínios. E isto — que acarreta tão grande sofrimento aos povos — tem também o seu lado positivo. Prepara as condições materiais ao advento da nova sociedade. O socialismo é um sistema que não pode ser efetivado à base de uma economia atomizada, dispersa. Exige imensa concentração, reclamada pela própria forma de organização social. Concentração que abrange toda a esfera da produção e de serviços em cada país e, futuramente, quando triunfar por toda a parte, no conjunto do Planeta. Só deste modo se poderá elevar a produtividade do trabalho, introduzir o progresso tecnológico e efetuar o planejamento geral da economia e das novas necessidades sociais.

Ora, no mundo de hoje, observa-se que vai ficando para trás a época da pequena e média empresa ou da empresa diretamente dirigida por seu proprietário. Dominam os monopólios gigantes. Cada um deles é um verdadeiro império. A General Motors, por exemplo, tem centenas de milhares de operários no seu parque de produção, sugando enorme massa de **mais-valia** da classe operária. A Shell, a Volkswagen, a Mitsubishi, a IBM e muitas outras são também monopólios poderosos. Quem os administra? Não são os possuidores do maior acervo das ações, mas os seus prepostos — os chamados Executivos. São eles que planificam a produção ao nível da empresa, controlam a execução desses planos, gerenciam toda a sua atividade.

Em tais condições, é evidente, o proprietário privado pode ser supresso, não faz falta alguma. Esses monopólios podem passar às mãos da sociedade, sem maiores problemas, através do Estado proletário a serviço de todo o povo. Os atuais Executivos serão substituídos por outros de natureza diversa. Serão os Administradores indicados pela sociedade, pelo Estado proletário, sob o controle organizado da classe operária. E, ao invés de os lucros caírem no bolso dos grandes monopolistas, os saldos positivos retornarão à coletividade para a sua aplicação em benefício da sociedade, em serviços e na

ampliação da produção.

Um engenheiro escandinavo, no início do século, dizia que os Correios eram modelos de socialismo. Moviam mecanismos complexos que funcionavam plenamente, dirigidos por funcionários indicados pelos governos. Hoje, são numerosos os "modelos" de socialismo, que necessitam apenas mudar de feição social, integrar-se na estrutura coletivista do Estado socialista. Uma empresa de transportes aéreos, por exemplo, organiza seu funcionamento em esfera planetária. Os aviões das companhias internacionais chegam e saem de aeroportos de múltiplas nacionalidades, abastecem-se, trocam tripulações, embarcam e desembarcam passageiros, passam por rápidas revisões técnicas. Os aeronautas dispõem, em toda parte, de dados e informações para pouso e decolagem, assim como no curso da viagem, fornecidos por diferentes centros nacionais. É bem uma mostra de como se pode organizar mundialmente a economia e os serviços no plano global.

III

Dizer que amadureceu a necessidade do socialismo e que este é um estágio novo e inelutável para a Humanidade não significa que a ele se chegará espontaneamente, pacificamente, sem grandes comoções sociais.

Bem ao contrário. Porque o socialismo, como o capitalismo, é regime de uma determinada classe social. O capitalismo, da burguesia; o socialismo, do proletariado. A burguesia e o proletariado são duas classes decisivas da sociedade, e a luta entre elas se converteu na principal luta de nossa época. A paz entre estas duas classes é impossível. Quem a defende serve ao capitalismo. Basta observar que a mudança do regime atual significa expropriar a burguesia, arrancar de suas mãos o poder do Estado, destruir as relações sociais de produção baseadas na propriedade privada, o que somente será conseguido por meio de uma revolução.

Que revolução? A revolução proletária, socialista.

Certamente não se fazem as revoluções de modo arbitrário, voluntarista. São sempre, e em toda a parte, como assinalava Engels, "a conseqüência necessária de circunstâncias absolutamente independentes da vontade e da direção de partidos e de classes inteiras". Circunstâncias que se criam quando as contradições sociais atingem determinado nível de agravamento e eclodem as crises políticas revolucionárias. Nessa oportunidade, a vontade dos homens organizados revolucionariamente desempenha o papel principal.

Há os que imaginam ser possível passar ao socialismo sem uma revolução vitoriosa. Esta seria simples obra do "fanatismo" comunista. . . Mas a experiência histórica, o exame científico da marcha da História, demonstra cabalmente que uma classe dominante não abandona o poder sem antes travar desesperada luta de vida ou morte. A resistência dos dominadores tem de ser quebrada pela ação revolucionária de seus opositores.

Daí ser indispensável a revolução. Os exemplos de socialismo triunfante resultaram de revoluções proletárias, como no caso da Rússia de 1917 e de outros países na década de 40. Não se conhecem casos de socialismo vitorioso sem a derrubada da burguesia, sem a revolução.

Fala-se muito no "socialismo" sueco, inglês, e, atualmente, no de Miterrand, na França. São, porém, socialismos de mentira. Ainda que sustentados por partidos ditos socialistas, social-democratas (na sua forma antiga ou na forma revisionista), não passam de variantes de governos burgueses. Administram, na prática, os negócios do imperialismo, enganando o proletariado com algumas migalhas tiradas dos superlucros dos monopólios. Hoje, essas migalhas, sob o peso da crise, já nada representam. O desemprego, a inflação, a carestia de vida, a redução de salários, a exploração intensificada pelos processos tecnológicos modernos manifestam-se brutalmente.

Conceber a integração gradual do capitalismo no socialismo é equívoco. As formas do regime socialista nascem com a revolução, não são geradas no seio do velho regime. O que se pretende chamar de socialismo no quadro da dominação capitalista é, na realidade, o reformismo burguês. Uma corrente que se propõe conquistar certas melhorias para a classe operária sem, no entanto, romper com a escravidão assalariada.

Para que haja socialismo, a revolução é indispensável, a derrubada da burguesia necessária. E essa revolução, assim como o novo sistema que instaura, exige obriga-

toriamente a direção de um partido proletário revolucionário. Um partido que se oriente por uma teoria de vanguarda, que domine as leis do desenvolvimento social, que expresse a consciência do proletariado, ou seja, aquilo que em filosofia se chama o conhecimento da **necessidade**, a **liberdade** alcançada por esse conhecimento. Um partido, enfim, guiado pelo marxismo-leninismo, pois onde inexiste uma teoria revolucionária não pode haver movimento revolucionário proletário.

Em nosso país, encontram-se pessoas e partidos que, dizendo-se socialistas e representantes dos trabalhadores, declaram desprezar o que denominam de "ranço" do marxismo e fazem ao mesmo tempo a apologia do espontaneísmo. As massas, as **bases**, é que estariam em condições de dizer o que querem e em que regime desejam viver. Sabemos, no entanto, que as massas trabalhadoras, as bases, se possuem o instinto de classe, não têm a consciência de classe, consciência cuja elaboração reclama conhecimentos científicos. Oprimida e explorada, a classe operária não tem o tempo nem os meios para assimilar tais conhecimentos. Objetivamente, ela está condicionada pela vida na sociedade burguesa, onde predomina a ideologia dos capitalistas. A consciência socialista — a compreensão dos interesses vitais do proletariado e da sua missão histórica — é elaborada por quem domina a ciência social, e transmitida aos operários pelos partidos de vanguarda, armados de uma teoria de vanguarda. O argumento **basista** é pura demagogia. Afinal, de que serviria às massas um partido que não lhes indicasse o caminho de sua emancipação, um partido que não soubesse o que quer e esperasse que lhe dissessem para onde deveria ir?

IV

Ouve-se dizer que, apesar de o socialismo ser inevitável, os caminhos até aqui trilhados são falsos. Estas afirmações decorrem, em parte, do revés sofrido pelo socialismo na União Soviética e em outros países, o que gerou intensa confusão no campo político e ideológico. Procura-se outro caminho, um pretenso **terceiro caminho...**

Em verdade, abandona-se com essa atitude o ponto de

vista de classe do proletariado e se buscam fórmulas que não encontram nenhum apoio na realidade, nem fundamentação teórica digna de consideração.

Que novo caminho? O caminho da colaboração de classes? Do liberalismo burguês? Do socialismo pequeno-burguês? Ou o do socialismo de palavras, com a prática capitalista — o social-imperialismo? As formulações excêntricas de socialismo com liberdade, de rosto humano, de fundo cristão e coisas assemelhadas são vazias de conteúdo, não dizem nada do ponto de vista da ciência social.

Em essência, só existe um caminho — o da luta de classes, do qual a revolução proletária é a expressão mais elevada. À margem da luta de classes, o socialismo é uma utopia. Marx e Engels, depois Lênin, fundamentaram em termos rigorosamente científicos esta única via. Fugir dela é cair no oportunismo. Ou na procura ingênua do que não existe.

Ao procurar um **terceiro** caminho para o socialismo, enfatiza-se a questão da liberdade, o pluripartidarismo, a livre circulação de idéias, tudo que se relaciona com a democracia burguesa em seus melhores momentos do passado, antes da chegada à fase do imperialismo.

Do ponto de vista da ciência, comete-se um engano. Porque o conceito de liberdade, de partido político, de circulação de idéias etc. tem os seus condicionamentos históricos.

Num regime de classes antagônicas, o pluripartidarismo é uma contingência natural; a liberdade de opiniões políticas expressando interesses de classes determinadas, uma necessidade; a livre circulação de idéias político-sociais, um imperativo sempre presente. Nós, os comunistas, dentro desse regime, somos partidários intransigentes do pluripartidarismo, da liberdade política, da ampla divulgação de idéias renovadoras. E esta posição corresponde inteiramente à natureza da sociedade em que vivemos.

Como, entretanto, encarar essas questões dentro de outra realidade histórica, nascida com a revolução proletária, com a construção de uma sociedade inteiramente diferente da capitalista?

Sabe-se que na Rússia, depois da revolução vitoriosa subsistiram outros partidos: o social-revolucionário;

o dos mencheviques; e os de alguns grupos mais. Todos de natureza burguesa ou pequeno-burguesa. Sabe-se também que ali chegou a ser instalada uma Assembléia Constituinte. No entanto, não se puderam manter. Foi uma violência dissolvê-los? Ou uma exigência histórica? Tais partidos, como a Assembléia Constituinte, pertenciam por seu caráter a outra realidade que estava sendo superada. Mantê-los seria conservar uma excrescência, frear o avanço da revolução social.

Sem dúvida, a liberdade de organização socialista, a liberdade de opiniões em todos os aspectos na construção da nova vida, o direito de crítica franca e aberta aos erros e abusos, devem ser plenamente defendidos. O socialismo tem de ser um regime de amplas liberdades para as massas trabalhadoras, um elemento indispensável à criatividade em todos os seus múltiplos aspectos. Mas essa liberdade não se estende aos antigos exploradores, aos inimigos do socialismo.

Que surgirão formas novas de convivência social, de moral social, de estruturação da sociedade, de criação artística, é indiscutível. Essas novas formas são criadas pelo povo em liberdade. Não se as pode estabelecer arbitrariamente. Faz-se necessário ter sempre o espírito aberto ao novo que surge, realizar pesquisas científicas a fim de descobrir o que desponta de verdadeiro, embora ainda débil, na realidade emergente.

Mas tudo isso não nega, antes afirma, o caráter de classe do socialismo, a senda revolucionária da luta de classes, a indispensabilidade da ditadura do proletariado.

Em suma: o terceiro caminho é uma variante do oportunismo, do socialismo sem revolução, sem ditadura do proletariado, sem o combate persistente e duradouro às idéias e normas da vida burguesa.

V

O proletariado, ao edificar a nova sociedade, tem de destruir pela base a estrutura econômico-social capitalista. A construção dessa nova vida não se faz sem choques e atribulações. A luta de classes, por longo espaço de tempo, continua sendo a força motriz da sociedade. Exterioriza-se na luta entre o proletariado e a burguesia derrotada, na disputa entre o caminho socialista e o

caminho capitalista, no entrechoque das idéias progressistas e das velhas concepções arraigadas na mente dos homens, inclusive na dos trabalhadores. Luta que exige, durante todo o período da transição para o comunismo, a ditadura revolucionária do proletariado.

Quando se fala em ditadura do proletariado não se trata do sistema de opressão ditatorial, fascista, que se conhece em toda a parte. Ditadura do proletariado é o tipo de Estado surgido com a revolução, ditadura de uma classe e não de indivíduos ou de corporações reacionárias. Todo Estado é, fundamentalmente, uma ditadura de classe. O Estado capitalista é uma ditadura da burguesia, embora disfarçada por certas normas democráticas de governo, quando não impera o fascismo. Tente, porém, o proletariado, os explorados e oprimidos, levantar-se para conquistar o Poder! Ver-se-á nas repúblicas mais democráticas a ditadura da burguesia em ação, em ação contra-revolucionária, capaz de todas as vilezas e crueldades.

Os processos e meios para construir o socialismo são complexos. Erros aparecem no curso da construção, erros que se precisa captar a tempo e remover suas causas. Não basta coletivizar a indústria, as minas, o solo e o subsolo, o comércio etc. Se essa coletivização não objetiva forjar uma nova estrutura econômico-social radicalmente diferente, nos seus distintos aspectos, da estrutura capitalista, se não se orienta para criar as bases materiais que abram o caminho ao comunismo, acaba ocorrendo retrocesso, e vencendo, afinal,, a via capitalista sob formas aparentemente socialistas. É o que se passa, no fundo, na União Soviética dos nossos dias. Aí a coletivização ainda é geral, mas o sistema de apropriação dos bens produzidos tem muito de comum com a apropriação capitalista. Enriquece certas camadas da sociedade que se transformam na classe dominante. Na aparência reina o socialismo, mas somente em sua feição exterior. . .

Naturalmente, quando se trata da construção do socialismo não se podem estabelecer parâmetros rígidos. Uma coisa é o socialismo vitorioso num país atrasado; outra será a situação num país altamente desenvolvido. Até agora, a revolução proletária venceu, por circunstâncias especiais, em países atrasados. Isto condiciona

o processo da sua edificação. Um país atrasado tem de enfrentar tremendas deficiências e todo um conjunto de concepções, hábitos e costumes do velho tipo para chegar a uma fase que possibilite seu rápido florescimento. Lênin dizia que a União Soviética era um modelo avançado somente enquanto a revolução proletária não triunfasse num país mais desenvolvido; então apresentaria um atraso relativo (no sentido do socialismo, do comunismo). Onde predominou sempre a reação, e o povo não usufruíu direitos democráticos, o socialismo tem de encarar a própria educação das massas no sentido da liberdade, da prática da liberdade para garantir uma participação maior das massas na construção da nova vida.

Pode-se perguntar: na Rússia houve efetivamente socialismo? Independente dos erros que se possa ter cometido e que devem continuar a ser examinados para deles tirar experiência, a resposta só pode ser afirmativa. Na União Soviética houve socialismo até que Krushov e seus sequazes mudaram o rumo da revolução, castrando o seu caráter proletário. E porque houve socialismo, os países imperialistas juntaram-se, no início da década de 20, para esmagar militarmente o regime da classe operária. Ali se construíu, sem patrões e sem visar o lucro fruto da exploração, uma formidável base industrial, que chegou a atingir o nível dos países mais avançados a partir da situação de um país atrasado como era a Rússia de 1917. Criaram-se grandes empresas no campo, colcoses e sovcoses, apoiados em técnicas modernas. Pôs-se fim ao analfabetismo, desenvolveu-se a cultura, a ciência. Elevou-se consideravelmente o padrão de vida do povo. A edificação do socialismo na União Soviética revestiu-se de importância histórica. Comprovou as teses científicas de Marx e Engels sobre a inevitabilidade da vitória desse regime, destinado a substituir o capitalismo.

A destruição do socialismo na URSS, verificada a partir da metade da década de 50, não é uma fatalidade, mas fenômeno acidental, circunstancial, ligado à inobservância dos princípios que regem a ditadura do proletariado. Veio demonstrar que, apesar de vencida a burguesia, sua concepção do mundo, os hábitos e costumes subsistentes, a velha maneira de viver da pequena burguesia, os sentimentos burgueses e pequeno-burgueses de rancor ao proletariado e à sua ditadura não desaparecem tão facilmente. Exigem luta constante, vigilância permanente e reeducação profunda de toda a sociedade.

Se, porém, o socialismo foi derrotado temporariamente na União Soviética e em outros países, isto não quer dizer que a existência desse regime seja inadequada. Está na ordem do dia em toda a parte. O capitalismo é um sistema completamente superado. Sua desintegração reflete-se nas calamidades sociais de nossos tempos: numa corrida armamentista que consome inutilmente trilhões de dólares e ameaça desembocar em sangrenta e destruidora guerra de extermínio em massa; numa crise generalizada que joga no desemprego cem milhões de trabalhadores, com as empresas fechadas ou de produção reduzida, enquanto massas imensas vivem famintas e carentes do conforto mais elementar; numa decomposição moral que atinge as raias da insanidade; numa insegurança total para cada um e todos os habitantes do Planeta; numa orgia de vida suntuosa, parasitária e desregrada para os ricos, os poderosos e os corruptos; numa opressão sempre maior sobre os povos amantes da liberdade e da justiça social. O regime capitalista debate-se na longa agonia dos condenados à morte lenta.

Seguramente não cairá por si mesmo, não deixará livre o terreno para os seus adversários. É preciso golpeá-lo decisivamente. Esta a missão da classe operária, dirigida pelo seu partido de vanguarda, em aliança com os demais trabalhadores das cidades e dos campos. Pregar e esclarecer tal perspectiva é dever de todo revolucionário, de toda pessoa progressista.

Nós, os comunistas, que seguimos o programa do Partido Comunista do Brasil, lutamos pelo ideal do comunismo, pela vitória do socialismo. É justamente por isso reclamamos hoje a conquista da plena liberdade política, a derrocada do governo militar. Compreendemos que a liberdade representa um passo importante para organizar, esclarecer e mobilizar as massas num plano mais vasto. E lutando pela liberdade política, em geral ausente em todo o curso do desenvolvimento da sociedade brasileira, lutamos ao mesmo tempo para tornar realidade no país as nobres idéias do socialismo proletário. Estamos convencidos de que o porvir radioso da nossa pátria e o futuro feliz do nosso povo somente serão alcançados com a revolução mais radical da época

que vivemos — a revolução dirigida pela classe operária.

Este futuro o construímos desde agora na luta intrépida contra o imperialismo e seus lacaios, contra a feroz exploração dos trabalhadores, contra os reacionários de distintos quilates, contra os oportunistas abertos ou disfarçados.

A bandeira triunfante do socialismo, definitiva e solidamente implantada, tremulará em todos os quadrantes da Terra. E uma nova era de paz, de progresso, de liberdade, de profundas transformações na vida material e espiritual dos homens e das mulheres assinalará o início da verdadeira história da Humanidade.

O SOCIALISMO NA ALBÂNIA

Palestra pronunciada no Rio de Janeiro, na sede da Associação Brasileira de Imprensa, em 28 de janeiro de 1982.

Companheiros e amigos.

Pode parecer fantasia, obra de pura imaginação, dizer-se que neste mundo atormentado pela crise existe um país onde não há desemprego, inflação, alta dos preços dos bens de consumo, nem aumento de aluguéis, impostos sobre o povo, dívidas externas e internas. Onde, além disto, a educação e a assistência médica e hospitalar são inteiramente gratuitas.

Esse país existe — denomina-se República Popular Socialista da Albânia. Uma nação da Europa, às margens do Adriático, que há uns trinta anos atrás figurava entre as mais atrasadas do mundo. País em que a indústria era de tipo artesanal; a produção agrária insignificante e rotineira; os transportes não conheciam a estrada de ferro nem os caminhos pavimentados. Ali inexistia a universidade e as escolas superiores, o analfabetismo ultrapassava os 80% da população; as mulheres usavam véu no rosto e se destinavam à procriação e aos trabalhos domésticos. A renda nacional e a renda *per capita* eram baixíssimas.

MUDANÇA PROFUNDA E REVOLUCIONÁRIA

Durante a Segunda Guerra Mundial, a Albânia foi ocupada pelos italianos fascistas e, depois, pelos exércitos alemães de Hitler. Os albaneses levantaram-se e travaram uma decidida luta guerrilheira,plena de heroísmo, enfrentando poderosos inimigos. Expulsaram os invasores de sua pátria, derrotaram os reacionários internos conluiados com a reação internacional. Instauraram o regime socialista, sob a direção do Partido do Trabalho da Albânia.

Não foram poucas as dificuldades encontradas para a construção da nova sociedade. A começar pela completa ruína decorrente da guerra. Pelo imenso atraso do país. Pela enorme carência de recursos.

Mal haviam iniciado a reconstrução, ajudados pela União Soviética e por Stálin, com a implantação do primeiro combinado têxtil, em Tirana, e com o desenvolvimento ainda rudimentar da agricultura, veio o golpe de Kruschov que teve séria repercussão na Albânia, uma das primeiras vítimas do social-imperialismo russo. Nikita Kruschov, de braços dados com Tito, da Iugoslávia, tentou subjugá-la e transformá-la em satélite político e apêndice econômico da URSS. Os albaneses resistiram e a conseqüência foi imediata: os soviéticos romperam unilateralmente todos os acordos técnicos, financeiros e comerciais com o governo albanês, bem como as relações diplomáticas. Foi um pesado golpe. Vinte anos depois repetia-se em escala ainda maior a investida torpe dos kruschovistas: a China denunciava, também unilateral e inopinadamente, os tratados existentes com a Albânia, retirava seus especialistas, sabotando as obras em construção. E interrompia as relações mercantis que, na época, representavam mais de 50% do comércio exterior albanês. Queria atrelar a Albânia à sua política oportunista, anti-socialista.

Mas os albaneses não se entregaram, não capitularam, embora tivessem de pagar alto preço por sua altivez revolucionária. Nem diante da pressão soviética, nem da arrogância dos nacionalistas e revisionistas chineses vacilaram um só momento.

Atualmente a Albânia possui, construída fundamentalmente com apoio nas próprias forças, uma importante base de indústria pesada. O nível da eletrificação *per capita* é dos mais elevados do mundo; mesmo as aldeias distantes, nas altas montanhas, contam com luz elétrica. Os transportes ferroviários e rodoviários cortam o país em todas as direções. O campo está totalmente cultivado, empregando técnicas novas. 53% da superfície utilizada beneficia-se de um amplo sistema de irrigação artificial.

No plano social, terminou o analfabetismo, desenvolveu-se a cultura, fundou-se a Universidade e criaram-se diversos institutos científicos. Construíram-se moradias para o povo: 80% da população vive em casas edificadas no período do poder popular. Todas as pessoas gozam férias **de fato**, nas praias ou nas montanhas, em locais assegurados pelo Estado e pelas organizações sociais.

A mulher alcançou grandes conquistas. Tem direitos iguais aos dos homens, tanto no campo jurídico como na vida real. Representa importante parcela da mão-de-obra qualificada. Ocupa altos postos na direção do país, das empresas industriais, das cooperativas agrícolas, assim como na organização partidária de vanguarda.

Recentemente, o Partido do Trabalho da Albânia realizou o seu 8º Congresso no qual fez um balanço multilateral do último qüinqüênio encerrado em 1980 e traçou diretivas para o novo plano qüinqüenal que vai até 1985.

Os dados apresentados, e comprovados, são surpreendentes. Ao passo que nos países capitalistas os índices de crescimento da produção mostram-se negativos ou inferiores às taxas do aumento da população, na Albânia o PNB (Produto Nacional Bruto) cresceu 25% em relação a 1975, ou seja, 5% ao ano. O desenvolvimento industrial ascendeu a 34% no mesmo período. A produção agrícola elevou-se de 21% satisfazendo totalmente as necessidades do país em cereais panificáveis.

Na esfera da cultura, graduaram-se 20.000 estudantes em escolas superiores e 113.000 terminaram o curso secundário (tenha-se em conta que a população albanesa não chega a 3 milhões de habitantes).

Estes são apenas alguns dados do balanço realizado no 8º Congresso onde os delegados discutiram com responsabilidade e profundo conhecimento a situação real e as potencialidades do país, bem como todas as questões da prosperidade albanesa.

O 8º Congresso do PTA aprovou novo plano qüinqüenal a terminar em 1985. Desse plano destacamos alguns dados: o PNB crescerá num ritmo anual de 6,4%. Em relação a 1980, a extração de petróleo aumentará de 58 a 60%, a de carvão mineral chegará a mais 48%, a indústria química terá um acréscimo de 63 a 65%, a indústria leve e a alimentícia alcançarão um nível duas vezes superior ao do aumento populacional. No campo, o incremento da economia será da ordem de 30 a 32%, a irrigação atingirá mais 51 mil hectares. O transporte ferroviário contará com o prolongamento de suas linhas em 37% e será completada a ligação por via férrea da Albânia com a Europa. 80.000 novos apartamentos serão construídos para abrigar melhor 400 mil

pessoas, isto é, cerca de 1/7 da população. No terreno da cultura editar-se-a um milhão de livros políticos, técnicos, artísticos, científicos a mais do que os publicados no último qüinqüênio.

E tudo isto sem ajuda estrangeira. O novo plano qüinqüenal é o primeiro a ser realizado com exclusivo apoio nas próprias forças e nos recursos nacionais. Uma vez executado, conduzirá a Albânia a um estágio mais avançado do seu desenvolvimento socialista.

O 8º Congresso do PTA registra outras importantes conquistas que demonstram a consolidação e os progressos já alcançados pelo atual regime. Entre essas conquistas sobressai a dilatação do prazo de licença remunerada à parturiente. Esse prazo era de três meses; agora, será de seis: um antes e cinco depois do parto. Relaciona-se com a defesa do recém-nascido e a proteção à saúde da mulher. Medidas foram adotadas para a liquidação gradual da propriedade individual no campo, resquício do velho regime. Por sugestão dos camponeses mais esclarecidos decidiu-se colocar todo o rebanho do gado menor e do gado vacum de propriedade individual sob o controle e a direção das cooperativas agrícolas, um passo seguro para pôr fim a esse sistema atrasado e, mesmo, antieconômico. Também se resolveu intensificar a participação crescente das massas nos negócios públicos. Exemplo disso foi a discussão do novo plano qüinqüenal em todos os setores ligados à produção, aos meios culturais e assistenciais: as massas fizeram 69 mil propostas de mudança no projeto apresentado, das quais 58% foram consideradas justas e úteis.

Assim, o povo albanês, cheio de entusiasmo revolucionário e sob a direção dos marxistas-leninistas, constrói o seu futuro de bem-estar e progresso, impulsiona o florescimento de sua pátria.

OS ÊXITOS DA ALBÂNIA PROVÊM DO SOCIALISMO

A Albânia destaca-se como exceção no quadro mundial. Sua situação faz saliente contraste com o resto do mundo.

Por toda a parte, nos países capitalistas e social-imperialistas, reina um ambiente sombrio para os trabalhadores e os povos. Somente na Europa há mais de dez milhões de desempregados. Nos Estados Unidos, também dez milhões. E no conjunto do Planeta estima-se em cem milhões o número de pessoas desempregadas ou sem-trabalho. A inflação, a carestia de vida, o aumento de taxas e impostos que recaem sobre os consumidores infernizam a existência de grandes massas. Quase todos os países acumularam dívidas enormes que são pagas pelos povos a um punhado de vorazes banqueiros internacionais.

Esse, igualmente, é o quadro do nosso país. Aqui também há uns cinco a seis milhões de sem-trabalho, os operários formam imensas filas, desde a madrugada, atrás de conseguir uma vaga nas empresas. O aumento dos preços dos artigos de primeira necessidade é quase diário, as tarifas de transportes urbanos e suburbanos não cessam de elevar-se, os aluguéis dobram de preço a cada ano, o ensino encarece de mês a mês. Os rombos financeiros na Previdência Social, devido a administrações corruptas e incapazes, recaem sobre os contribuintes e os aposentados. Sem falar no ritmo acelerado de crescimento do serviço da dívida externa, uma das maiores do mundo, pesado ônus que afeta a imensa maioria da nação, ou no entreguismo descarado que aliena as riquezas do país.

Enquanto isso, a Albânia progride continuamente, sem crises, sem corrida armamentista, sem endividamento externo, buscando erigir uma sociedade nova.

Por que tão chocante contraste?

Será que os albaneses são mais inteligentes, mais capazes e experientes do que os políticos, administradores e técnicos dos outros países? Não! Não é que sejam mais inteligentes ou experientes. Até que em matéria de experiência são relativamente neófitos. Então, por quê?

A questão reside nos sistemas econômico-sociais e políticos existentes na Albânia e nos demais países. Na Albânia o regime é **socialista**, quem governa é a classe operária. Nos outros, inclusive na União Soviética e seus satélites, o regime é **capitalista**, quem governa é a burguesia do velho tipo ou do novo tipo burocrático-revisionista.

Sob as leis draconianas do capitalismo, as crises, as

guerras, o desemprego, a inflação, o empobrecimento relativo e absoluto da classe operária e dos trabalhadores em geral são inevitáveis, porque o capitalismo se baseia na exploração dos que produzem a riqueza, dá lugar à contradição entre o caráter social da produção e a apropriação privada dos bens produzidos. O objetivo da produção é o lucro que resulta da **mais-valia** arrancada dos operários, da parte de trabalho a eles surrupiada. Hoje, o salário de um operário de grande empresa, com tecnologia moderna, corresponde a pouco mais de duas horas de trabalho. O que ele produz nas restantes cinco ou seis horas vai para o bolso do capitalista. Em conseqüência de tudo isso, a crise e os males sociais aparecem, multiplicam-se e aprofundam-se incessantemente.

No socialismo não há exploradores. As relações de produção não se alicerçam na propriedade privada, encontram-se em harmonia com o desenvolvimento das forças produtivas. O objetivo da produção é o homem, são as suas necessidades materiais e espirituais. Portanto, em tal regime não pode haver crise nem as calamidades sociais que se apresentam no capitalismo. O socialismo é um sistema de progresso continuado, tendo como lei suprema a melhoria gradual e constante das condições de vida dos trabalhadores, livres da exploração do homem pelo homem. Precisamente por isso, o proletariado em todo o mundo tende de maneira natural para o socialismo, ao mesmo tempo em que a burguesia e seus serviçais inclinam-se para a repressão e o engodo da classe operária e das massas populares no afã de prolongar sua existência caduca. Esse engodo amalgama-se com a campanha anti-socialista.

A CAMPANHA MUNDIAL ANTI-SOCIALISTA

À medida em que se agravam os problemas econômicos e sociais do sistema capitalista, intensifica-se a luta contra o socialismo, estimulada pela burguesia e pelos reacionários de toda a espécie. Aproveita-se o que ocorreu na União Soviética e nos países que renegaram o caminho do proletariado revolucionário para estender a pregação sistemática contra o socialismo. Os revisionistas participam amplamente dessa enganadora campanha. A imprensa, a TV, o rádio falam a todo o instante no fracasso do regime socialista. Toneladas de livros políticos, de ensaios e pesquisas sócio-econômicas, de estudos históricos, filosóficos, etc. são escritos para "demonstrar" que o socialismo, tal como indicaram Marx, Engels, Lênin e Stálin, não tem futuro, é inviável. Simultaneamente, pregam-se as pretensas benemerências do capitalismo, que se estaria recompondo e atualizando. Os oportunistas, lacaios da burguesia, repetem como papagaios amestrados: "ruim com o capitalismo, pior sem ele. . ."

Entretanto, o socialismo — tal como revelaram Marx, Engels, Lênin e Stálin — é o único meio de resolver os problemas angustiosos que o mundo enfrenta. Só o socialismo científico pode assegurar a paz, o progresso verdadeiro, a justiça social, a liberdade aos explorados e oprimidos, a cultura e o bem-estar às grandes massas trabalhadoras e populares, a marcha da Humanidade para um porvir radioso.

O que fracassou na União Soviética e em vários outros países não foi o socialismo autêntico, mas o revisionismo, o retorno disfarçado ao capitalismo. A URSS, após 25 anos na senda de Kruschov e Brezhnev, está a braços com a crise, sobretudo com a crise agrária, com o decréscimo dos níveis de produção, engolfada na corrida armamentista, ameaçando, explorando e ocupando nações soberanas. A Polônia, seguindo a via revisionista, atola-se no lamaçal da crise, reprime os trabalhadores com estado de sítio e lei marcial. A Romênia sofre o pesado encargo de dívidas colossais, cujos serviços consomem 30% do valor de suas exportações para o Ocidente. A Iugoslávia registra cerca de um milhão de desempregados.

Onde o socialismo se manteve, aplicando os princípios do marxismo, como é o caso da Albânia, diversa é a situação: o país avança, malgrado o cerco capitalista e revisionista. A nação albanesa testemunha a vitalidade do socialismo, é um desmentido categórico às teorias podres dos oportunistas e reacionários que negam o caminho da Revolução de Outubro.

O socialismo científico não foi ultrapassado nem liquidado. Jamais o será. Acabará vitorioso em todo o mundo.

POR UM BRASIL SOCIALISTA

Ao expender tais opiniões, nosso pensamento volta-se para o Brasil que atravessa tão dura e difícil situação. Se a Albânia, país pequeno e até pouco tempo muito atrasado, pôde construir, e constrói com êxito uma vida nova, guiada pelos ideais da classe operária, que dizer então de um país-continente como o nosso?

O Brasil tem todas as condições para se transformar, em curto prazo, numa nação livre e independente, progressista e culta, onde o povo viva com liberdade e conforto, dono dos destinos de sua pátria.

Mas essa transformação exige profunda e radical mudança na estrutura econômica e na superestrutura política. Em poucas palavras: a vitória do socialismo, dirigido pela classe operária e por seu partido de vanguarda. Enquanto o país permanecer nos quadros da dependência e da submissão aos monopólios estrangeiros e persistir a base econômica retrógrada, assim como o poder político em mãos dos grandes capitalistas e latifundiários, ou de seus agentes, a tendência será o agravamento continuado da situação nacional.

Somente o socialismo poderá quebrar em definitivo os grilhões que nos prendem à espoliação imperialista, capitalista e latifundiária; construir uma economia independente e progressista, livre das crises, da inflação, da carestia, do desemprego e das dívidas; possibilitar o conforto e o bem-estar para milhões de pessoas que trabalham na terra; acabar com as injustiças sociais; garantir a liberdade ao povo; terminar com o analfabetismo e as doenças endêmicas; livrar a nação de governantes corruptos, demagogos, arbitrários e incapazes. Somente o socialismo cria a possibilidade de o Brasil ocupar um dos primeiros lugares no plano mundial como uma poderosa força de paz e progresso, baluarte da luta dos povos pela liberdade e pela independência nacional, por uma vida próspera e feliz.

* * *

Companheiros e amigos!

A Albânia é um farol de liberdade e justiça social, indicando aos explorados e oprimidos a rota segura da verdadeira emancipação.

Não é um paraíso, nem está isenta de dificuldades e contradições, seqüelas do velho regime. O nível técnico e científico em geral não é ainda dos mais avançados. Mas se julgarmos a situação atual desse país comparando-a com a de trinta anos atrás, forçoso é reconhecer o imenso salto verificado. Se o seu padrão de vida não se mostra bastante elevado, embora cresça de ano para ano, ali ninguém sofre fome, nem vive em favelas ou debaixo dos viadutos; ninguém busca emprego sem encontrar; ninguém adoece sem ter assistência médica e hospitalar gratuita; ninguém entra em filas desde a madrugada para conseguir uma consulta; ninguém carece de calçado, roupa e abrigo; ninguém deixa de estudar por falta de escolas; ninguém é assassinado na rua por policiais.

Todos sabem que o dia de amanhã será melhor do que o de hoje. E que, num futuro não muito distante, a vida se tornará ainda mais bela, mais venturosa, mais culta. Porque esse futuro é o próprio povo que constrói, confiante nas suas possibilidades ilimitadas, convencido da grandeza de sua causa.

A Albânia é o socialismo em construção!
A Albânia sustenta com honra a bandeira da revolução e do marxismo-leninismo!
A Albânia é exemplo e inspiração para os povos!

A CLASSE OPERARIA
E O SEU PARTIDO POLÍTICO

Palestra pronunciada num ato público promovido pelo Centro de Cultura Operária, de São Paulo, no dia 25 de março de 1982.

A Classe Operária e o seu Partido Político é tema de evidente atualidade. São tantos os partidos políticos que hoje se intitulam de proletários, trabalhistas, social-democratas e até mesmo de comunistas sem serem efetivamente proletários, que se justifica plenamente abordar o assunto, tão confuso, tão propositadamente confuso.

É sabido que a classe operária surge ao mesmo tempo que a burguesia. Não pode haver burguesia sem existir o proletariado. O proletariado é que faz crescer a burguesia. Parece contra-senso, mas não o é. A burguesia amealha o capital e se desenvolve acumulando a parte do trabalho do operário que a este não foi paga. Por seu turno, a burguesia faz também crescer o operariado. Ampliando seus negócios, ela contrata mais força de trabalho, incorpora novos obreiros à produção. Assim, crescem juntos os explorados e os exploradores.

Entre uns e outros aparece uma contradição inevitável: o trabalho é **social** mas a apropriação dos bens produzidos é **privada.** O desenvolvimento dessa contradição conduz à crise cíclica que afeta principalmente a classe operária. Em busca de maior lucro, a burguesia procura explorar ao máximo os trabalhadores e estes, pouco a pouco, tomam consciência da exploração a que são submetidos e lutam por seus direitos.

A contradição antagônica entre a burguesia e o proletariado faz surgir um instrumento para tentar mantê-la em equilíbrio. Tal instrumento é o Estado (órgão de opressão de uma classe por outra). E o Estado capitalista reclama em certa medida a organização social e política da sociedade. Os partidos constituem uma parte dessa organização.

Quem primeiro criou partidos políticos foi a burguesia. Esses partidos, em determinada época, pareciam pairar acima das classes, sem vinculação com as classes. Na Revolução Francesa, em 1789, o partido da burguesia arvorou o lema de **Liberdade — Igualdade — Fraternidade.**

Um belo lema, porém enganador. Porque não pode haver igualdade nem fraternidade entre a burguesia e o proletariado, entre ricos e pobres.

A burguesia não criou apenas um único partido. Surgiram vários, representando setores da burguesia, da pequena burguesia e até mesmo da nobreza aburguesada.

Os partidos políticos eram o caminho para chegar ao poder. E cada um desses setores, em defesa de interesses próprios, almejava alcançar o bastão de comando do poder. Os explorados das cidades e dos campos ainda não tinham noção exata de sua natureza social. Seguiam os partidos das classes dominantes. Só muito mais tarde, o proletariado criou o seu partido para defender os seus interesses de classe.

* * *

A organização política da classe operária nasceu nos anos 30 do século passado, na Inglaterra. Tomou a forma do movimento denominado CARTISTA por reivindicar, através de uma Carta do Povo, direitos políticos para a classe operária.

Partidos proletários aparecem somente na segunda metade daquele século, quando o proletariado adquire consciência de classe, transformando-se de classe **em si** em classe **para si.** São partidos de classe na medida em que defendem os interesses fundamentais do operariado, ou seja, a **liquidação do sistema de exploração da classe operária, o capitalismo.**

O proletariado pode conquistar, e tem conquistado, muitos direitos. Mas se não terminar o sistema de exploração assalariada, ele será sempre escravo do capital. Por isso, a liquidação do capitalismo constitui o seu anseio primordial.

Historicamente, o proletariado luta para acabar com o capitalismo; a burguesia, ao contrário, trata de conservar o capitalismo.

Daí porque o partido do proletariado tem de ser um partido de luta de classes, um partido do socialismo proletário.

Se o partido não se baseia na luta de classes, nem pleiteia o fim do capitalismo e a instauração do socialismo — **não é um partido do proletariado.**

Tampouco podem existir, no mesmo país, dois, três partidos verdadeiros da classe operária, uma vez que o proletariado não se divide, como a burguesia, em diversas frações com interesses próprios. No seio do proletariado há distintas parcelas de trabalhadores com suas reivindicações específicas, mas essas reivindicações não se chocam com os reclamos gerais da classe, subordinam-se ao interesse comum — a extinção da exploração de que são vítimas os proletários em seu conjunto.

E mais: **só é partido do proletariado aquele que** se **alicerça no marxismo-leninismo,** concepção de mundo da classe operária. Todos os partidos possuem fundamentos políticos e teóricos. O fundamento político e teórico do autêntico partido do proletariado somente pode ser o marxismo que revelou cientificamente a natureza da sociedade capitalista baseada no lucro, e demonstrou que a classe operária é a força social chamada a enterrar a velha sociedade e a criar outra nova.

Reunindo a experiência e o domínio das leis objetivas do desenvolvimento social, o marxismo-leninismo é o guia da classe operária para o cumprimento de sua missão histórica.

Com o marxismo-leninismo se define a ideologia da classe operária. O proletariado não tem duas ideologias, mas uma só. Se o partido não se apóia na ideologia do proletariado, apóia-se então na ideologia da burguesia. Não há meio termo, não há ideologia acima das classes.

Assim, não é difícil identificar o caráter de classe de qualquer partido que se intitule dos trabalhadores. Basta indagar:

— É um partido da luta de classes?

— É um partido socialista revolucionário?

— É um partido que se baseia no marxismo-leninismo?

Ou

— É um partido da colaboração de classes, reformista, do caminho pacífico?

— É um partido que nega a ideologia da classe operária, o marxismo-leninismo?

— É um partido que revisa, deturpando, do ponto de vista burguês, o marxismo-leninismo?

Segundo se enquadre numa ou noutra posição, o partido pode ser definido como do proletariado ou da burguesia.

O fato de ter em suas fileiras largos contingentes de operários não é bastante para defini-lo como partido do proletariado. Se não preenche os requisitos acima mencionados, é, quando muito, um **partido operário burguês**, na feliz expressão de Vladimir Ilitch Lênin. Como, por exemplo, o Partido Trabalhista Inglês.

* * *

No Brasil, os primeiros passos do movimento político do proletariado dão-se no começo do nosso século. São movimentos esporádicos, sem uma clara feição social, criados por pequenos grupos anarquistas, anarco-sindicalistas, que não se desenvolveram.

O verdadeiro movimento político da classe operária nasce no começo da década de 20, com a fundação do Partido Comunista do Brasil. Precisamente a 25 de março de 1922.

Esse partido não surge acidentalmente. Reflete determinada realidade econômica, social e política. É fruto, sem dúvida, do agravamento das contradições de classe no Brasil e no mundo.

Influíram no aparecimento do PC do Brasil fenômenos sócio-econômicos de envergadura, tais como:

a) A Grande Revolução Socialista de Outubro, na Rússia, revolução que conduziu a classe operária ao poder. Esse acontecimento abalou o mundo inteiro, fez estremecer fortemente os alicerces do sistema capitalista. Despertou por toda a parte os povos explorados e oprimidos. Também no Brasil a Revolução Russa causou grande impacto entre os trabalhadores que chegaram a fazer greve de apoio e solidariedade ao jovem Poder Soviético.

b) A criação da III Internacional Comunista, em 1919, que se propunha organizar revolucionariamente, e em todos os Continentes, a classe operária. A III Internacional constituiu-se em partido mundial do proletariado, com secções nacionais nos diferentes países. Seu programa postulava a luta decidida contra o imperialismo, pela revolução socialista proletária. Esse evento teve repercussão no Brasil, particularmente na camada mais avançada da classe operária.

c) O avanço do capitalismo no país que se verificara durante a guerra de 1914/18 e no pós-guerra. Desenvolveram-se alguns setores da indústria leve. Cresceu com eles o proletariado. E a burguesia tornou-se mais forte. Afloraram nitidamente as contradições de classe. O progresso do capitalismo dava origem também ao movimento democrático burguês que objetivava determinadas mudanças no país e se opunha às velhas oligarquias então dominantes.

Tais os fatores principais que contribuíram, de uma ou de outra forma, para o aparecimento do PC do Brasil.

* * *

Os partidos da classe operária passam por distintas fases. O PC do Brasil teve a sua infância, a sua adolescência, a sua evolução adulta, o seu amadurecimento teórico, político e ideológico.

Surgindo da vontade de luta de uma pequena vanguarda, o Partido ressentia-se, após sua fundação, de maior ligação com as massas; de experiência política; e, em especial, de uma sólida base teórica marxista-leninista (embora tenha adotado a ideologia do proletariado).

Alcançou vitórias, também cometeu erros. É que os partidos proletários não entram no cenário político já inteiramente formados. Formam-se no processo da luta. Além do mais, abrigam em suas fileiras os que possuem apenas a sua força de trabalho, os que não puderam instruir-se. Portanto, com maiores dificuldades para assimilar princípios científicos.

A prática da luta de classes educa o partido, permite-lhe acumular experiências. A soma dessas experiências, sua generalização, auxilia-o a se tornar forte a fim de cumprir as tarefas essenciais.

Para que o partido do proletariado se encontre apto a desempenhar plenamente sua função revolucionária, é necessário preencher certas condições.

A **primeira** é a assimilação da teoria científica da luta de classes, o marxismo-leninismo. Sem o conhecimento aprofundado dessa ciência social, o partido atua cegamente, corre atrás dos fatos sucedidos, deixa-se envolver por questões de cada momento sem a visão do conjunto da realidade nem a clareza do rumo que baliza o cami-

nho para atingir o poder.

A **segunda** é a ligação estreita, a mais estreita possível, com as massas e, antes de tudo, com a classe operária. Porque o partido é o Estado-maior da luta do proletariado e das massas populares. Sem essa estreita ligação e a aceitação pelas massas da sua política, o Estado-maior é um núcleo dirigente desprovido de exército de massa. Não pode travar as grandes e indispensáveis batalhas contra a burguesia.

A **terceira** é a habilidade política para dirigir com acerto a luta dos trabalhadores e do povo. Habilidade que inclui a experiência, a acumulação e a sistematização da experiência prática. A luta da classe operária é complexa: defronta-se a cada instante com as mais variadas manobras dos inimigos abertos ou encobertos, o que exige saber avançar e, em certas ocasiões, recuar, definir os aliados mais convenientes, distinguir o elo principal na cadeia dos acontecimentos em curso.

Se se cumprem estas três condições básicas, prepara-se o caminho para a vitória da classe operária e do seu destacamento de vanguarda, para o triunfo do socialismo proletário.

Desde 1922, o Partido Comunista do Brasil esforça-se por preencher essas condições. Esforço que prossegue no decorrer de sua existência e hoje se impõe como premente e fundamental.

* * *

Os partidos proletários são organizados visando a ação, o desenvolvimento da luta de classes.

Uma qualidade se destaca no Partido Comunista do Brasil e que o acompanha por toda a vida: a **combatividade.** É um partido de luta, combativo e heróico.

— Um partido para **organizar** em sindicatos e associações de diversos tipos, na defesa dos seus interesses fundamentais, nas fábricas, no campo, nas escolas, nos bairros, no conjunto do país, os operários, os camponeses, os estudantes, as massas pobres em geral, os verdadeiros patriotas.

Um partido para **educar** os trabalhadores, os explorados e oprimidos na real compreensão dos seus direitos e objetivos fundamentais.

— Um partido para **criar uma consciência avançada,** democrática, antiimperialista, antimonopolista no Brasil. E para **forjar a consciência socialista** da classe operária que não surge espontaneamente, que é levada ao proletariado por sua vanguarda consciente.

— Um partido resoluto de oposição aos latifundiários, à burguesia e seus lacaios, a todos os inimigos do progresso social.

No processo da sua formação, o PC do Brasil confrontou-se com dois tipos de inimigos:

os que o combatiam **de fora**, em campo aberto;

e os que, camuflados, o combatiam **de dentro**, em suas fileiras.

Os de fora empregaram (e empregam) todas as formas de repressão:

— prisões de militantes;

— dispensa de emprego dos trabalhadores comunistas;

— afastamento de estudantes de suas escolas;

— expulsão de camponeses dos locais onde exercem atividade.

Sem falar nas torturas, no massacre repetido de comunistas. Nenhum partido no Brasil registra em seus anais um número tão elevado de militantes que foram presos, torturados, assassinados pela reação, como o PC do Brasil. São milhares e milhares.

Muitos deles converteram-se em mártires e heróis da causa dos trabalhadores e do povo: jovens e velhos, homens e mulheres, operários, camponeses, estudantes, soldados, marinheiros, intelectuais. Desde militantes de base até dirigentes de prestígio.

A perseguição feroz não se limitou somente ao aspecto físico. Desenrolou-se, em grande amplitude, no aspecto polítioo e ideológico com o propósito de atemorizar as massas.

Chegou-se ao extremo de dizer que os comunistas comiam crianças, arrancavam os filhos aos pais, violavam mulheres, disseminavam o uso de drogas e sei lá quantas infâmias mais!

Assim agiam (e continuam a agir) os inimigos **de fora** no sentido de impedir que o partido avançasse e propagasse a sua verdade.

Quanto aos inimigos **de dentro** do partido, não foram poucos. Atuaram como corpo estranho na organização

partidária. Tentaram sempre prejudicá-la, dividi-la ou liquidá-la. Criaram frações e grupos antipartido. Procuraram também utilizá-la com o objetivo de satisfazer ambições pessoais.

Apresentaram-se ora defendendo posições **direitistas**, ora posições "**esquerdistas**", sectárias, como pretexto para realizarem atividades corrosivas. Serviram, assim, à burguesia.

Todos eles — os inimigos **de fora** e os **de dentro** — causaram danos ao Partido, de maior ou menor monta. Não conseguiram, jamais, vencê-lo.

O partido da classe operária é invencível. Não há força capaz de destruí-lo.

Na luta, caem militantes abnegados, outros muitos ocupam o lugar dos que tombam. E a experiência revolucionária aumenta incessantemente.

Quando os inimigos julgam tê-lo destroçado, ele reaparece ainda mais forte.

Citemos, de passagem, dois exemplos:

Em 1939, depois de brutal repressão contra o Partido, Filinto Müller, capitão e depois coronel do Exército, então Chefe de Polícia da Capital Federal, declarou que tinha exterminado, pelo menos por dez anos, o Partido Comunista do Brasil. E isto quando se iniciava a II Guerra Mundial, guerra contra o nazismo. Porém, em 1941, o Partido já havia iniciado a sua reconstrução em âmbito nacional. Em 1943, era uma força considerável. Dois anos após transformou-se não no partido de alguns milhares de membros, como era em 1939, mas de dezenas, centenas de milhares de militantes.

Era falsa a pretensão do Chefe de Polícia fascista do Rio de Janeiro.

Outro fato. Em fins de 1961, os revisionistas, com Prestes à frente, seguindo na cauda de Kruschov, criaram um novo partido, um partido burguês de tipo social-democrata — o Partido Comunista Brasileiro. Pensavam ter luquidado para sempre o velho **partido do proletariado**, fundado em 1922, o partido **da foice e do martelo**, o partido **do internacionalismo proletário**, o partido **da revolução socialista**. Alguns meses depois, o antigo partido reerguia a sua gloriosa bandeira de combate na Conferência Nacional Extraordinária de fevereiro de 1962. Sofrera bastante. Suas hostes agrupavam somente algumas centenas de pessoas. Mas o futuro estava do seu lado. E assim foi.

Quão mesquinha e ilusória a esperança de Prestes e seus seguidores!

O Partido Comunista do Brasil venceu todas as dificuldades, tornou-se um partido forte, e os revisionistas, que ontem pareciam ser uma potência, hoje representam muito pouca coisa.

Ninguém: nem Hitler, nem Kruschov, nem Truman, Nixon, nem os revisionistas chineses, nem os generais fascistas brasileiros, nem Prestes e seus iguais, NINGUÉM destruirá, no mundo e no Brasil, o partido dos comunistas. Ele ressurgirá sempre, mesmo das cinzas, como a Fênix da mitologia.

E por quê?

Porque o Partido Comunista expressa uma necessidade histórica. Enquanto as contradições sociais da nossa época e da época da transição não forem inteiramente superadas, o Partido Comunista estará vivo e atuante, como instrumento dessa necessidade objetiva.

* * *

Existir ou desaparecer não é questão que dependa somente da vontade de quem quer que seja. A vida e a morte dos partidos políticos ligam-se com a sua finalidade histórica.

Nestes sessenta anos, de 1922 até o presente, quantos partidos políticos apareceram e desapareceram? Partidos de denominações várias:

Partido Conservador
Partido Republicano
Aliança Liberal
Partido Democrata
Partido Constitucionalista
Partido Social Democrático
União Democrática Nacional
Partido Social Progressista
E até mesmo Partido Socialista.

Todos eles declinaram na esteira do tempo. Porque não eram expressões duradouras de exigências históricas. Não passavam de partidos de conjuntura, de objetivos limitados, de ajustes e reajustes em setores das classes

dominantes ou de camadas sociais instáveis e subordinadas à burguesia.

Somente o partido do proletariado, o Partido Comunista do Brasil, não desapareceu, nem desaparecerá jamais!

Porque é:

o partido da classe operária, o único partido da classe operária;

o partido do socialismo científico;

o partido da independência nacional verdadeira;

o partido da reforma agrária radical;

o partido da emancipação da mulher;

o partido da liberdade, da luta contra todos os regimes arbitrários;

o partido da cultura, da ciência, do progresso social;

o partido, enfim, da luta de classes, da insurreição de 1935, da resistência armada do Araguaia, o partido da revolução que levará o proletariado ao poder.

Todos os partidos têm a sua história. Uma história breve ou uma história longa. Uma história voltada contra o progresso ou uma história projetada para o porvir.

O Partido Comunista do Brasil possui a sua história, uma história de sessenta anos de lutas heróicas e de combates ininterruptos pela liberdade, pela independência, pela justiça social. Tem 60 anos, mas não está velho. É o mais jovem de todos os partidos, pleno de vitalidade e de entusiasmo, intérprete da realidade presente, pregoeiro dum futuro livre e feliz para todos os homens e mulheres.

* * *

Os reacionários e seus lacaios acusam o PC do Brasil de ser uma organização estrangeira ou de implantação estrangeira. Confundem sua conduta impatriótica, entreguista, com a posição independente da classe operária.

O PC do Brasil é um partido genuinamente nacional e, ao mesmo tempo, um partido internacionalista, o partido que representa as mais caras e profundas aspirações do nosso povo. Quer o Brasil livre das multinacionais, da espoliação crescente do capital financeiro internacional, da ocupação de grandes áreas de seu solo pelos monopolistas de fora, dos acordos que comprometem a soberania da nação, das imposições dos banqueiros de Washington, Londres, Paris, Bonn, Tóquio etc. E quer também livrar o país do domínio dos grandes latifundiários, dos grupos monopolistas brasileiros que se associam ao capital estrangeiro imperialista. Tem como meta o socialismo proletário em marcha para a sociedade comunista.

A reação e os militares reacionários qualificam o PC do Brasil de organização conspirativa e de vida escusa. Falta-lhes autoridade para fazer essa afirmativa.

O Partido Comunista do Brasil, desde a sua fundação, reivindica o direito à legalidade. Em sessenta anos de existência, teve apenas dois ou três anos de atuação legal, e assim mesmo precária. Viveu quase sempre na clandestinidade ou na semiclandestinidade forçada.

Como a burguesia tem medo do partido da classe operária!

Erram os que pensam que o Partido deseja viver nos subterrâneos do ilegalismo. Aí tem vivido longos períodos por fatores contrários à sua vontade. Nunca deixou de lutar por um lugar ao sol, encarando essa conquista não como concessão de seus adversários, mas como um direito democrático, uma exigência da classe operária e de todos os trabalhadores, um reclamo das pessoas progressistas do país.

A luta pela democracia é inseparável da luta pela legalidade do partido dos comunistas. Onde ele não desfruta de liberdade, não há democracia, mesmo a democracia restrita, mutilada, enganadora, de nosso tempo.

A perseguição aos comunistas é sempre a ponta de lança da reação contra os democratas em geral. Em todas as épocas, a ofensiva desvairada da burguesia e seus agentes contra os comunistas foi o prenúncio do ocaso da liberdade, a vereda na direção do facismo.

A investida contra o Partido Comunista é uma atitude retrógrada porque contra o progresso, contra aquilo que representa o futuro.

Numa sociedade de classes, defender a existência legal do Partido Comunista não é tarefa apenas de seus militantes e amigos. Todos os que almejam a democracia não podem deixar de erguer a voz em defesa dessa legalidade. Aqueles que tratam de criar dificuldades à atividade legal dos comunistas, por espírito reacionário, vaci-

lação ou temor de represálias, trabalham de fato contra a democracia, contra os direitos inalienáveis dos cidadãos.

* * *

Ao abordar o tema *A Classe Operária e o seu Partido Político,* quero prestar homenagem à grande data de hoje: o transcurso do 60º aniversário da fundação do Partido Comunista do Brasil.

E quero também saudar a passagem do 20º aniversário da reorganização marxista-leninista desse Partido.

Com a fundação, o proletariado brasileiro adquiriu um instrumento poderoso de luta.

Com a sua reorganização, o proletariado e as massas populares ganharam uma arma de grande eficácia: o Partido renovado, mais consciente de sua missão, mais decidido a conduzir o povo à vitória.

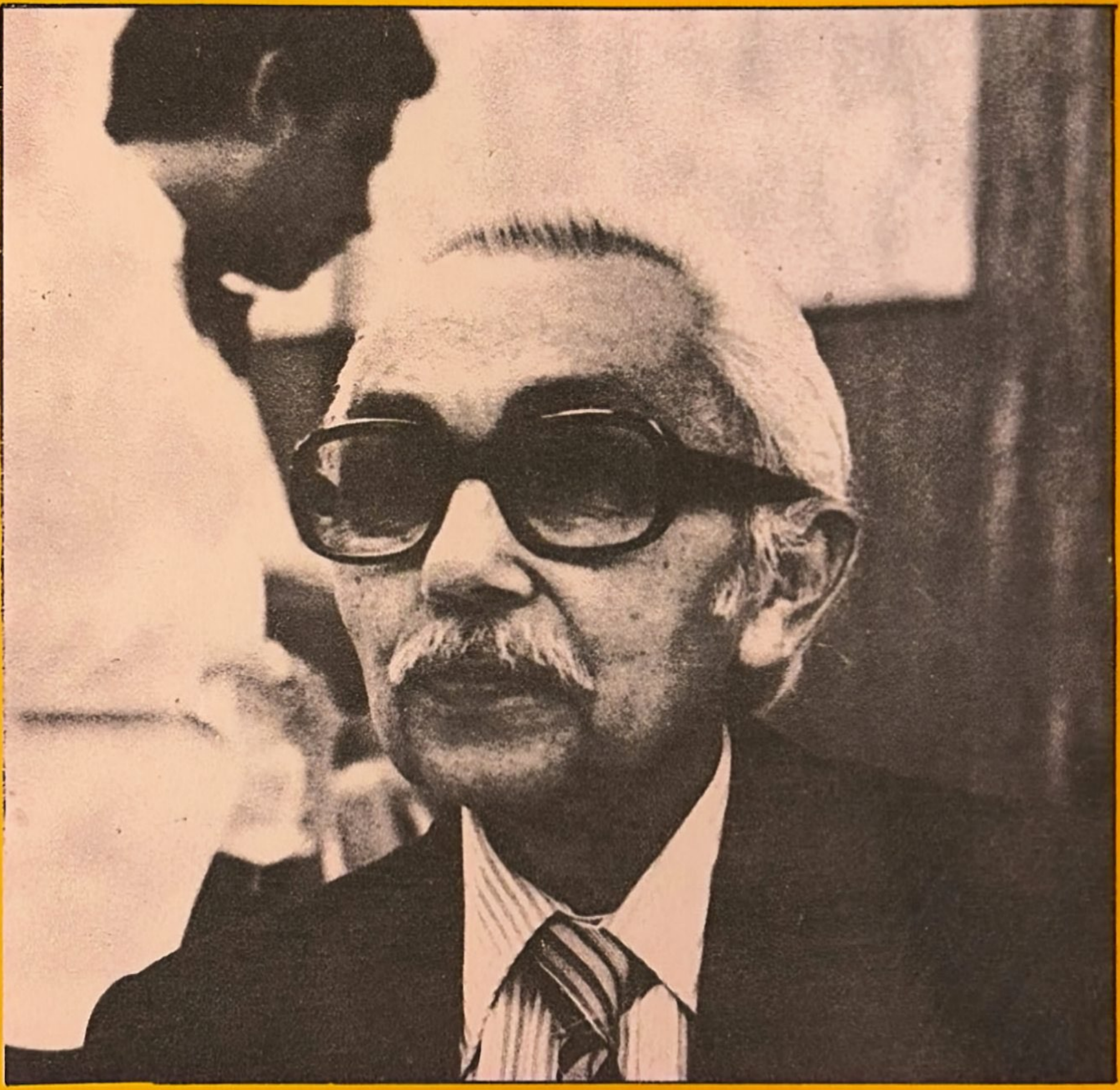
Desejo igualmente, nesta oportunidade, reverenciar a memória dos que caíram na luta pelos nobres ideais do proletariado, entre os quais Maurício Grabois, Carlos Danielli, Lincoln Oest, Luís Guilhardini, Pedro Pomar, Ângelo Arroyo, Lafayette Fonseca, William Gomes, Angelina Gonçalves e tantos outros bravos combatentes da liberdade e do socialismo. Seus exemplos de firmeza e coerência revolucionária inspiram os lutadores de nossos dias e os das gerações vindouras.

Os reacionários e fascistas passarão! Eles não têm futuro. Seu destino é a derrota!

O porvir pertence à classe operária, ao seu partido marxista-leninista, o Partido Comunista do Brasil!

Que viva a classe operária!

Viva o socialismo proletário!

Viva o 60º aniversário da fundação e o 20º da reorganização do PARTIDO COMUNISTA DO BRASIL!

Neste livro apresentamos palestras pronunciadas pelo Veterano dirigente comunista João Amazonas sobre o socialismo, único sistema social que pode acabar com as tremendas injustiças sociais, garantir a verdadeira independência da nação, fomentar o rápido desenvolvimento das forças produtivas e abrir uma perspectiva de progresso social, de liberdade, de florescimento da cultura nacional, de bem-estar e conforto para todos os que trabalham e produzem as riquezas. Os textos aqui reunidos fornecem valiosos indicações para o triunfo na pugna pela emancipação social.